



Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo  
Departamento de Educação  
Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar

## **RECICLAGEM E ARTES VISUAIS NUMA SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA**

Teresa Broeiro Bento

**Relatório Final para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar**

### **Orientadora**

Professora Celeste Rosa, Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo

### **Coorientadora**

Professora Maria João Carvoeiro, Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo

Ramada, 2021



Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo  
Departamento de Educação  
Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar

## **RECICLAGEM E ARTES VISUAIS NUMA SALA DE JARDIM DE INFÂNCIA**

Teresa Broeiro Bento

**Relatório Final para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar**

### **Orientadora**

Professora Celeste Rosa, Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo

### **Coorientadora**

Professora Maria João Carvoeiro, Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo

Ramada, 2021

## **Agradecimentos**

À Professora Celeste Rosa, por ter estimulado as minhas capacidades  
À Professora Maria João Craveiro Lopes, pela disponibilidade para me auxiliar neste  
processo.

À minha família, por me ter dado a oportunidade de fazer este percurso, assim como,  
por me incentivarem e acreditarem nas minhas habilidades mesmo quando eu duvidava  
delas.

Aos meus amigos, novos ou velhos, por me assegurarem que estava no caminho certo,  
mesmo quando eu própria tinha dúvidas.

À educadora Ana Paulino, por se encontrar disponível para me ajudar na planificação e  
execução das atividades.

## Resumo

O presente relatório artigo reflete uma investigação que foi realizada, no contexto de Prática de Ensino Supervisionada III, no qual a investigadora trabalhou com um grupo de crianças de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos.

A investigadora teve a oportunidade de trabalhar com este grupo procurando responder a uma questão de investigação e tendo em mente os objetivos que se destinavam a responder a esta pergunta. Todas as atividades propostas visavam sempre o desenvolvimento de uma consciência ambiental assim como as capacidades artísticas visuais do grupo de crianças, que participar das atividades propostas.

No desenvolvimento das atividades, houve sempre uma ligação entre as artes visuais e a consciência da sustentabilidade do desenvolvimento.

O que a investigadora se propôs fazer foi criar um ambiente que possibilitasse, propositadamente, o desenvolvimento e enriquecimento dos conceitos já pré-concebidos pelas crianças.

Esta investigação teve, igualmente, como foco o desenvolvimento de um profissional reflexivo, observador e capaz. Para tal, o pesquisador fazia narrativas semanais das ocorrências surgidas nos contatos educativos. Uma coisa que foi possível fazer com estas narrativas foi desenvolver um sentido de identidade não apenas profissional, mas social e pessoal.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Artes Visuais; Sustentabilidade; Educação Pré-Escolar

## **Abstract**

This report reflects an investigation that was carried out in the context of Supervised Teaching Practice III, in which the researcher worked with a group of children of both sexes and aged between four and six years.

The researcher had the opportunity to work with this group seeking to answer a research question and keeping in mind the objectives that were intended to answer this question. All proposed activities were always aimed at developing an environmental awareness as well as the visual artistic abilities of the group of children who participate in the proposed activities.

In the development of activities, there was always a connection between the visual arts and the awareness of the sustainability of development.

What the researcher set out to do was to create an environment that would purposely enable the development and enrichment of concepts already preconceived by the children.

This investigation was also focused on the development of a reflective, observant and capable professional. To this end, the researcher made weekly narratives of the events that emerged in educational contacts. One thing that was possible to do with these narratives was to develop a sense of identity that was not just professional, but social and personal.

**Keywords:** Environmental Education; Visual Arts; Sustainability; Preschool Education.

## **Abreviaturas**

ABAE- Associação Bandeira Azul da Europa

APEA- Associação Portuguesa de Engenharia do Ambiente.

ASPEA- Associação Portuguesa de Educação Ambiental

AV- Artes Visuais

CNA- Comissão Nacional do Ambiente

EA- Educação Ambiental

EAR- Educação Artística

EAS- Educação Ambiental para a Sustentabilidade

ELI- Equipa Local de Intervenção

GEOTA- Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente

QUERCUS- Associação Nacional de Conservação da Natureza

IA- Instituto do Ambiente

INAmb- Instituto Nacional do Ambiente

IPAmb- Instituto de Promoção do Ambiente

ISCE- Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo

LPN- Liga para a Proteção da Natureza

ME- Ministério da Educação

MEIC- Ministério da Educação e Investigação Científica

OCDE- Organização para a Cooperação de Desenvolvimento Económico

ONGA- Organizações Não Governamentais de Ambiente

ONU- Organização das Nações Unidas

PES- Prática de Ensino Supervisionada

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## Índice

Índice de Tabelas .....	VII
Índice de Figuras .....	VIII
Índice de Apêndices.....	IX
<b>CAPÍTULO 1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 2. Enquadramento teórico tendo em conta a problemática.....</b>	<b>4</b>
2.1. Educação Pré-Escolar .....	5
2.2. Educação Ambiental.....	6
2.2.1. O ambiente .....	6
2.2.2. Momentos históricos da Questão ambiental .....	7
2.2.3. Educação Ambiental em Portugal.....	8
2.2.4. Desenvolvimento Sustentável .....	10
2.2.4.1. A educação para o desenvolvimento sustentável na educação de infância .....	13
2.2.5. Reciclagem.....	13
2.3. Educação Artística no subdomínio das Artes Visuais .....	15
2.3.1. Educação pela Arte .....	16
<b>CAPÍTULO 3. Metodologia.....</b>	<b>20</b>
3.1. Opções metodológicas.....	21
3.2. Plano de investigação .....	24
3.2.1. Questão de Investigação.....	24
3.2.2. Objetivos de investigação .....	24
3.2.3. Descrição do plano/teia de investigação .....	24
3.2.4. Calendarização do Plano de Investigação .....	27
3.2.5. Caraterização da instituição .....	30
3.2.5.1. Caraterização do grupo de crianças .....	32
3.2.5.1.1. Caraterização dos sujeitos/participantes no estudo .....	33
3.2.5.2. Caraterização do ambiente educativo .....	34
3.2.5.2.1. Dimensão espacial.....	35
3.2.5.2.2. Dimensão temporal.....	36
3.2.5.2.3. Dimensão relacional .....	37

3.3. Instrumentos de recolha de dados.....	38
3.3.1. Entrevista.....	40
3.3.1.1. Análise de conteúdo.....	41
3.3.2. Triangulação de Dados: Aprendizagens.....	43
3.4. Plano de ação .....	45
3.4.1. Justificação do plano de ação e intencionalidade pedagógica.....	47
3.4.2. Calendarização das atividades do Plano de Ação .....	48
<b>CAPÍTULO 4. Apresentação e Discussão de dados .....</b>	<b>50</b>
4.1. Descrição, análise e síntese reflexiva das atividades implementados .....	51
4.1.1. .1ª atividade- Mondrian .....	51
4.1.2. 2ª Atividade- Kandinsky .....	55
4.1.3. 3ª Atividade - Miró.....	57
4.1.4. 4ª Atividade - Bordalo II .....	59
4.2. Apresentação dos resultados da entrevista .....	64
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>94</b>

### **Índice de tabelas**

Tabela 1- Cronograma do Plano de Investigação.....	28
Tabela 2- Distribuição dos alunos por sala e respetiva valência .....	30
Tabela 3- Distribuição do número de docentes e não docentes.....	31
Tabela 4- Distribuição das atividades curriculares por valências.....	31
Tabela 5- Distribuição das atividades extracurriculares por valências.....	31
Tabela 6- Distribuição do grupo por sexo e idade. ....	32
Tabela 7- Rotina diária .....	37
Tabela 8- Categorização da análise da entrevista à educadora cooperante.....	42
Tabela 9- Calendarização do Plano de Ação .....	48
Tabela 10- Análise da entrevista à educadora cooperante .....	64

## Índice de figuras

Figura 1- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (em Folque <i>et al</i> , 2017).....	11
Figura 2- Esquema de Investigação (encontrado em Sousa, 2005, p.13).....	21
Figura 3- Plano de Investigação .....	26
Figura 4- Planta da sala de atividades e respetiva legenda.....	35
Figura 5- Esquema de triangulação de dados (adaptada de Agostinho (2015, p.33)) .....	43
Figura 6- Plano de Ação .....	46
Figura 7- Composição II em Vermelho, Azul e Amarelo .....	51
Figura 8-Trabalho da menina C.....	53
Figura 9- Trabalho do menino DI.....	53
Figura 10-Trabalho do menino DO .....	53
Figura 11- Trabalho do menino E.....	53
Figura 12- Trabalho do menino H. ....	53
Figura 13- Trabalho do menino J.....	53
Figura 14- Trabalho da menina L .....	53
Figura 15- Trabalho da menina M.....	53
Figura 16- Trabalho da menina MA. ....	53
Figura 17- Trabalho do menino MT. ....	53
Figura 18- Trabalho do menino N. ....	53
Figura 19- Trabalho da menina R.....	53
Figura 20-Trabalho do menino RO. ....	53
Figura 21- Trabalho do menino T.....	53
Figura 22- Trabalho do menino V. ....	53
Figura 23- Estudo da cor em quadrados .....	55
Figura 24- Menino A. a realizar a atividade. ....	56
Figura 25- Trabalho final do menino A .....	56
Figura 26- Menino AN. a realizar a atividade.....	56
Figura 27- Trabalho final da menina C.....	56
Figura 28- Trabalho final da menina L. ....	56
Figura 29- Menino MT. a realizar a atividade.....	56
Figura 30-Trabalho final do menino MT.....	56
Figura 31- Trabalho final do menino T.....	56

Figura 32- Mulher e o Pássaro.....	57
Figura 33- Trabalho final do menino AN.....	58
Figura 34- Trabalho final da menina C.....	58
Figura 35- Trabalho final do menino DI.....	58
Figura 36- Trabalho final do menino DO.....	58
Figura 37- Trabalho final do menino G.....	58
Figura 38- Trabalho final da menina MA.....	58
Figura 39- Trabalho final do menino MT.....	58
Figura 40- Escultura “LISBOA”.....	60
Figura 41- Escultura “BURRO”.....	60
Figura 42- Escultura “ABELHA”.....	60
Figura 43- Trabalho final do menino A.....	61
Figura 44- Trabalho final do menino E.....	61
Figura 45- Trabalho final do menino G.....	61
Figura 46- Trabalho final da menina MA.....	61
Figura 47- Trabalho final do menino MT.....	61
Figura- 48- Trabalho final da menina R.....	61

### **Índice de apêndices**

Apêndice 1- Planificação da atividade de Mondrian.....	95
Apêndice 2- Planificação da atividade de Kandinsky.....	102
Apêndice 3- Planificação da atividade de Miró.....	104
Apêndice 4- Planificação da atividade de Bordalo II.....	106
Apêndice 5-Guião de entrevista à educadora cooperante.....	109
Apêndice 6- Transcrição da entrevista à educadora cooperante.....	112

## **Capítulo 1. Introdução**

A presente investigação insere-se no Mestrado em Educação Pré-Escolar, tendo como Unidade Curricular de base a Prática de Ensino Supervisionada III e Seminário de Investigação Educacional de Apoio ao Relatório Final I e II, inserida no plano de estudos do mesmo e lecionadas no Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo, em Odivelas.

Este trabalho é de carácter investigativo, tendo sido adotado o paradigma participativo utilizando as narrativas supervisivas dialogadas propulsionadoras de reflexão e, consequentemente, de análise da prática pedagógica. Esta foi implementada numa Instituição Privada, localizada em Loures e com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos.

O trabalho realizado assumiu uma dimensão investigativa sobre a própria prática da investigadora ao longo do seu percurso formativo. Este trabalho inseria-se na Área de Expressão e Comunicação, no subdomínio das Artes Visuais, relacionando-as com a Área de Conhecimento do Mundo, domínio da Abordagem às Ciências, subdomínio do Conhecimento do Mundo Físico e Natural.

A problemática de investigação provinha do contexto de Prática de Ensino Supervisionada II (PES II). Como não houve continuidade, devido ao início da pandemia COVID-19, em diálogo com a educadora cooperante do contexto de PES III, concluiu-se que fazia sentido haver uma sua continuação. Durante o período inicial de observação participante, a investigadora foi percebendo as necessidades e os conhecimentos já adquiridos pelas crianças, planeado conforme estas de modo a lhes dar resposta.

Com a atual crise climática, diminuição da camada de ozono, as crianças apercebem-se cada vez mais do que se está a passar no mundo, de uma forma consciente ou não, tendo de haver uma abordagem a estas questões, possibilitando uma consciencialização das crianças neste sentido. Deste modo, a investigadora elaborou uma questão e objetivos de investigação. Para responder à questão de investigação: “O desenvolvimento da consciência ambiental pode ter como ponto de partida as artes visuais?”, foi feita uma articulação entre a utilização de materiais reciclados com a recriação de obras de arte, possibilitando o trabalho conjunto dos dois – reciclagem e artes visuais. Esta questão, para muitos pode ser clara, um sim ou não, mas para que houvesse uma interligação entre a reciclagem e as artes visuais, esta foi pensada de modo a promover o desenvolvimento da consciência ambiental de forma dinâmica e explorando, maioritariamente, dois tipos de arte, a pintura e a escultura.

O tema escolhido para este relatório final é “Reciclagem e artes visuais numa sala de jardim de infância”.

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

Inicialmente a investigadora tinha em mente outra problemática, mas devido ao facto do grupo de PESII ter muitas crianças cuja língua materna não era o português e para não as confundir este foi mudado para o atual. Em conversa com a educadora cooperante do contexto de PES III, este tema continuou a ser pertinente para trabalhar com este grupo, sendo que se prende com as questões ambientais que nos afetam diariamente e que para os quais tem que haver uma sensibilização das crianças para os assuntos que nos afetam enquanto cidadãos do planeta Terra.

## **Capítulo 2. Enquadramento teórico tendo em conta a problemática**

## 2.1. Educação Pré-Escolar

A influência de Fröebel resultou numa maior importância à educação infantil (Castanheira, 2013, p.36). O seu modelo de ensino deste baseava-se na autoeducação.

A industrialização foi marcada pela migração de pessoas para as grandes cidades, com mais oportunidades de trabalho por parte da população feminina, dando-se a criação dos primeiros jardins de infância.

A expressão “ensino infantil” vinha ganhando espaço, em 1901 assume uma conotação escolarizante, que pode ser lida nos Decretos de 19 de Setembro e de 24 de Dezembro, do mesmo ano (Castanheira, 2013, pp. 41-46)

No ano de 1911 é publicado um Decreto, no dia 29 de março pela Direção-Geral da Instrução Primária., que determinava que o ensino primário continuaria a existir, mas que passaria, de igual forma, a existir o ensino infantil. Este ensino era aberto a crianças de ambos os sexos. No dia 23 de agosto deste ano, foi criado o programa das escolas destinadas à infância.

Em 1919, há a criação de escolas cujo público-alvo eram as crianças com profissionais especializados (Gomes, 1986 referido por Albuquerque, 2009).

No período do Estado Novo, o Estado tinha o dever de, segundo Gomes (1986 in Albuquerque, 2009), “estimular a ação educativa da família (...)” (p.24).

Em 1937 é estabelecido que a educação infantil deixa de ser da responsabilidade do Ministério da Educação (Albuquerque, 2009, p.24).

Na década de 50, as escolas são assumidas como parte do desenvolvimento da economia do país, havendo um crescimento da busca de jardins de infância e a necessidade de construir mais escolas para formar educadores (Albuquerque, 2009, pp.24-25).

Nos anos 60, verificou-se a abertura de quatro tipologias de estabelecimentos de ensino infantil. João de Deus; Fröebel; Montessori; Mistos e outros.

O ano de 1996 ficou marcado pelo aumento de frequência de crianças nas escolas infantis, assim como pelo reconhecimento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Oliveira-Formosinho *et al*, 2020, p.9).

Em 1997, houve a criação de “(...) uma rede nacional de estabelecimentos de educação pré-escolar (...)” (Dionísio & Pereira, 2006, p.598). A educação pré-escolar passou a ser de qualidade e aberta a “(...) *todas as crianças portuguesas* (...)” (Silva, 1997, p.7).

## **2.2. Educação Ambiental**

### **2.2.1. O ambiente**

O ambiente é a Terra no seu todo. É a nossa casa, um sistema vivo, complexo, variado, à escala global. É a natureza, da qual fazemos parte, da qual dependemos, na qual agimos, criamos e destruímos.

Todos os olhares científico-tecnológicos, informais, comuns, populares, vêm observando alterações da natureza numa escala que vai da curiosidade, passando pela inquietação até ao alarme. Uma natureza que se vai degradando, perdendo diversidade e equilíbrios que ainda há poucos anos desconhecíamos ou nem prevíamos. Há nesta leitura da realidade um amplo consenso que, no entanto, não se reproduz na capacidade dos países se organizarem e cooperarem de modo eficaz e proveitoso. Entretanto, a noção de Educação Ambiental foi tomando forma até ganhar dimensão institucional internacional.

Guerra, Schmidt e Gil Nave (2008) afirma isto mesmo:

O conceito de Educação Ambiental (EA) (...) surge como respostas às crescentes evidências de degradação ambiental e a sua relação com as capacidades sempre acrescidas pelos avanços técnico-científicos de intervir na natureza e usar de forma progressivamente mais insustentável os recursos naturais. (...) tornaram-se cada vez mais presentes na consciência social problemas como a delapidação da camada do ozono, o aquecimento global, a contaminação dos cursos de água, a poluição atmosférica, a devastação das florestas, a destruição dos *habitats* e a consequente redução da biodiversidade. (pp.3-4)

Há nesta leitura da realidade um amplo consenso que, no entanto, ainda não se reproduz suficientemente na capacidade dos países se organizarem e cooperarem.

Entretanto, apesar de tudo, a noção de Educação Ambiental foi tomando forma até ganhar dimensão institucional internacional em marcos históricos importantes.

### **2.2.2. Momentos históricos da Questão ambiental**

Ao longo de décadas do século passado, várias organizações nacionais e internacionais desenvolveram iniciativas conjuntas de âmbito político, cultural, económico onde o ambiente e a educação tiveram um lugar de destaque muito importante. Tem sido um percurso com avanços intermitentes mas cheio de importância e consequências para o mundo. Nestes processos, a ONU teve um papel fundamental de reunião de intenções e esforços, de mediação e de manutenção de abertura ao diálogo entre todos.

Câmara *et al* (2018), no Referencial de Educação Ambiental para Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário, são referidos algumas conferências e acontecimentos que marcaram a educação ambiental e a sustentabilidade. Estas conferências presentes neste documento são as seguintes:

A Conferência de Estocolmo, realizada em junho de 1972: definiu que a educação deve integrar questões ambientais. O dia em que a conferência começou, 5 de junho, passou a ser o Dia Mundial do Ambiente.

Conferência de Belgrado (1975): sistematiza e impõe o conceito de Educação Ambiental<sup>12</sup>.

“Carta de Belgrado”: nela estão presentes, em simultâneo, as faculdades cognitivas (aquisição de novos conhecimentos/noções) e as afetivas (adoção de novos valores/comportamentos).

Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (1977): produz o documento “Declaração de Tbilissi” onde se define o que é uma política de ambiente, assim como o conceito e a forma de realizar a educação ambiental; defende iguais condições de acesso ao conhecimento e prossecução de valores e atitudes para promoção de competências de proteção e melhoria do ambiente. Afirmou também a profunda ligação entre o económico, o político, o social e o ecológico.

Na década de 80, do século XX:

Lançamento da Estratégia Mundial para a Conservação (1980), referida por Câmara *et al* (2018), reafirma a importância da educação ambiental

Criação da Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento pelas Nações Unidas (1983) com o objetivo de dar corpo a um programa com vista a uma mudança em matéria de ambiente.

Conferência de Moscovo (1987); comemorou-se o Ano Europeu do Ambiente e foi publicado o Relatório Brundtland, com o conceito de “desenvolvimento sustentável”.

Conferência Estocolmo + 40, (2012) -destacou o objetivo de disponibilizar, particularmente, aos jovens e às classes sociais mais responsáveis e interventivas as condições para um diálogo com vista a implementar medidas que conduzam ao desenvolvimento sustentável.

O avanço na conscientização global para os desafios colocados pelo ambiente e o desenvolvimento sustentável foi, está a ser, inevitavelmente longo, lento e trabalhoso. A tão necessária mudança de mentalidades, de valores e de hábitos, por ter de ser à escala global assim o explica e exige. A organização de um diálogo profundo e proveitoso entre os vários estados igualmente teve avanços, mas também pausas e períodos de lentidão. O papel crucial da Educação impôs-se como elemento incontornável da formação de cidadãos informados e responsáveis, preparados para criar uma sociedade mais justa e fraterna.

### **2.2.3. Educação Ambiental em Portugal**

Portugal cedo iniciou o seu percurso de tomada de medidas em favor das questões do ambiente. Logo em 1948 foi criada a Liga para a Proteção da Natureza (LPN). Muitas outras se seguiram como é demonstrado abaixo (Câmara *et al*, 2018):

- 1948- Criação da Liga para a Proteção da Natureza (LPN) por iniciativa do Professor Carlos Baeta Neves.
- 1966- Portaria nº 22035 de 06/06/1996- criação de um Grupo de Trabalho sobre Poluição do Ar.
- 1970/1972:
  - Ano dedicado à Conservação da Natureza, na sequência de proposta do Conselho Europeu (CE), destacando-se em Portugal a edição dos volumes I e II da obra A Natureza e a Humanidade em Perigo e do III em 1972, como resultado de uma coletânea de artigos escritos pelo Professor Carlos Baeta Neves.
  - Criação do Parque Nacional Peneda-Gerês em 1971.
  - Criação da “Comissão Nacional do Ambiente”.

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

- Participação de Portugal na Conferência de Estocolmo sobre o Ambiente Humano (1972).
- 1973- Comemoração pela primeira vez em Portugal do *Dia Mundial do Ambiente*.
- 1975- Criação da Secretaria de Estado do Ambiente do Ministério do Equipamento Social e Ambiente.
- 1981- Criação do Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente (GEOTA).
- 1985- Criação da Associação Portuguesa de Engenheiros do Ambiente (APEA).
- 1986:
  - Criação da Associação Nacional de Conservação da Natureza (QUERCUS)
  - Publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº46/86, de 14 de outubro) na qual se reconhece a educação ambiental nos novos objetivos de formação dos alunos, abrangente a todos os níveis de ensino.
  - Implementação do Programa *Coastwatch* (GEOTA).
- 1987:
  - Lei de Bases do Ambiente (Lei nº 11/87 de 7 de abril).
  - Lei das Associações de Defesa do Ambiente (Lei nº10/87, de 4 de abril).
  - Criação do Instituto Nacional do Ambiente (INAmb).
  - Implementação da Campanha da Bandeira Azul.
- 1990:
  - Criação do Ministério do Ambiente e Recursos Naturais.
  - Criação da Associação Portuguesa de Educação Ambiental (ASPEA).
  - Criação da Associação Bandeira Azul da Europa (ABAE).
- 1992:
  - Participação de Portugal na Conferência do Rio (1992).
  - O INAmb cede o lugar ao Instituto de Promoção Ambiental (IPAmb)
- 1995- Publicação do 1º Plano Nacional de Política do Ambiente.
- 1996- Implementação do Programa Eco-Escolas (ABAE).
- 1997- Criação da Rede Nacional de Ecotecas pelo IPAmb.
- 2001:
  - Extinção do IPAmb e sua integração no Instituto do Ambiente.
  - Participação de Portugal na Cimeira do Rio + 10.
- 2003- Criação do Grupo de Trabalho para a Elaboração de uma Estratégia de Educação

Ambiental.

- 2006
  - Criação da Agência Portuguesa do Ambiente através do Decreto-Lei nº 207/2006, de 27 de Outubro.
  - Documento “Década das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014). Contributos para a sua dinamização em Portugal.

#### **2.2.4. Desenvolvimento Sustentável**

Como vimos, na cena internacional, as Nações Unidas mantêm um trabalho árduo na área do ambiente, do desenvolvimento e da educação, de modo particular através da Unesco. Para esta, a Educação tem precisamente um papel de relevo no âmbito de tudo o que diz respeito ao desenvolvimento sustentável.

Sobre o desenvolvimento sustentável, Viriato Soromenho Marques (2011) refere:

Desde 1987 que (...) o consenso mundial em torno da necessidade de uma transição para um modelo de desenvolvimento sustentável te, vindo a crescer. Mas qual é, efectivamente, o significado desse conceito? Embora não tenhamos ainda uma teoria completamente consistente, registam-se algumas convergências. Uma delas, porventura a mais decisiva, consiste em assinalar a existência de um *triângulo da sustentabilidade*, cujos vértices são os pilares social, ambiental e económico. (p.104)

Podemos dizer que o desenvolvimento sustentável é aquele que, através de “uma mudança de mentalidades”, permita “tornar o mundo mais seguro, mais saudável e mais próspero, melhorando assim a qualidade de vida (“Educação para o desenvolvimento sustentável”, Comissão Nacional da Unesco).

Nas palavras proclamadas pela Unesco, este desafio coletivo de reorganizar as vontades e iniciativas com vista ao futuro projeta para todos nós:

(...) um mundo no qual todos tenham a oportunidade de aceder a uma educação e adquirir valores que fomentam práticas sociais, económicas e políticas de sustentabilidade contribuindo para um futuro que compatibilize as necessidades humanas com o uso sustentável dos recursos, superando assim os efeitos perversos que vão desde a destruição

ambiental até à manutenção/agravamento da pobreza e para garantir deste modo que as gerações futuras não sejam penalizadas em relação às gerações presentes.

Como já referido, a Organização das Nações Unidas (ONU), através das suas agências, com o envolvimento dos governos lançaram quatro iniciativas com a Educação como elemento central: Os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio; Educação para Todos; A Década das Nações Unidas para a Alfabetização; e A Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável.



Figura 1- Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (em Folque *et al*, 2017)

Sobre estas iniciativas a Unesco, em Vilaça (2016, p.39), afirma

(...) uma visão de educação que busca equilibrar o bem-estar humano e económico com as tradições culturais e o respeito pelos recursos naturais da Terra. Ela enfatiza aspetos da aprendizagem que realçam a transição para a sustentabilidade, incluindo a educação futura; educação para a cidadania; educação para uma cultura de paz; igualdade de género e do respeito pelos direitos humanos; educação para a saúde; educação da população; educação para a proteção e gestão dos recursos naturais; e educação para o consumo sustentável. Promover o desenvolvimento sustentável através da educação exige que os/as educadores/as e alunos/as reflitam criticamente sobre as suas próprias comunidades.

Esta agência, quanto à Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), clarificou as suas características essenciais (UNESCO, 2007 referido por Vilaça, 2016, p.40):

- Basear-se nos princípios e valores que estão na base do desenvolvimento sustentável;
- Lidar com o bem-estar de todos os três domínios da sustentabilidade- ambiental, social e da economia;
- Promover a aprendizagem ao longo da vida;
- Ser localmente relevante e culturalmente apropriada;
- Ser baseada nas necessidades locais, perceções e condições, mas reconhecer que satisfazer as necessidades locais, muitas vezes tem efeitos e consequências internacionais;
- Envolver a educação formal, não forma e informal;
- Acomodar a natureza evolutiva do conceito de sustentabilidade;
- Abordar o conteúdo, tendo em conta o contexto, as questões globais e as prioridades locais;
- Construir a capacidade civil para a tomada de decisões baseadas na comunidade, tolerância social, gestão ambiental, força de trabalho adaptável e qualidade de vida;
- Ser interdisciplinar. Nenhuma disciplina pode reivindicar a EDS para a si própria, mas todas as disciplinas podem contribuir para a EDS;
- Usar uma variedade de técnicas pedagógicas que promovam a aprendizagem participativa e habilidades de pensamento de ordem superior.

A EA cedo se enquadrava na educação para a cidadania como espaço de formação de pessoas informadas, conscientes, responsáveis e empenhadas civicamente em boas práticas e relações com o ambiente. O ensino assim formulado olha para a pessoa toda assumindo o objetivo de contribuir para o pleno desenvolvimento de todas as suas dimensões. A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de outubro) afirma que “(...) o sistema educativo deverá ser organizado de modo a contribuir para a realização dos alunos, através do pleno desenvolvimento da sua personalidade, atitude e sentido de cidadania, preparando-os para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos, no sentido de assegurar um desenvolvimento cívico equilibrado” (Câmara *et al*, 2018, p.11). Só uma nova mentalidade e novas atitudes possibilitarão novos comportamentos de respeito e colaboração com os outros e o ambiente (Câmara *et al*, 2018).

#### **2.2.4.1. A educação para o desenvolvimento sustentável na educação de infância**

Nas Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar de 2016 (OCEPE) encontramos a área do Conhecimento do Mundo nas Áreas de Conteúdo, abrindo espaço a conteúdo no âmbito das ciências Naturais, onde, naturalmente, se encontram as questões relativas ao ambiente, assim no das ciências sociais e de todas as demais presentes nas OCEPE<sup>15</sup>.

No ano letivo de 2017/2018 foi publicado o Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho que apresentou o currículo Cidadania e Desenvolvimento para o ensino regular. A Educação ambiental inclui-se no primeiro domínio da Educação para a Cidadania e tem como referência o Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade (EAS), redigido por Câmara *et al.* e publicado em 2018.

Este Referencial está organizado por níveis de educação e ciclos de ensino, com temas globais, subtemas, objetivos e descritores de desempenho no domínio da EAS.

O trabalho desenvolvido neste projeto encontra-se, segundo Câmara *et al.* (2018), no: Tema II- Produção e Consumo Sustentável, destinado à Educação Pré-Escolar; Subtema A – Resíduos;

Objetivos:

- Conhecer o ciclo de vida de diferentes bens de consumo;
  - Conhecer o ciclo de vida de um produto;
  - Identificar algumas práticas que visam a redução e otimização dos resíduos;
  - Conhecer formas de valorização dos resíduos.
- Incorporar práticas de consumo responsáveis
  - Adotar práticas de frugalidade no quotidiano;
  - Reconhecer práticas de consumo responsável que visem a redução, a utilização e a reciclagem de resíduos;

#### **2.2.5. Reciclagem**

A empresa Endesa afirma que a reciclagem é um processo de recolha, triagem, processamento e transformação de materiais que são lançados ao lixo ou para aterros sanitários.

Este conceito nasce e ganha fama na década de 70 do século XX, mais precisamente “(...) após o primeiro choque petrolífero, quando reciclar ganhou uma importância estratégica” (Hrebynyuk, 2010, p.42).

Este processo divide-se em quatro fases (Fonte: Endesa):

- 1º Passo–As entidades municipais determinam o esquema de recolha dos resíduos nos seus municípios.
- 2º Passo–Os resíduos são recolhidos e depositados numa estação de triagem local.
- 3º Passo–Os resíduos são novamente triados antes de seguirem para a reciclagem.
- 4º Passo–Por fim, os materiais seguem para os respetivos recicladores.

Todas estas ações permitem, depois, reaproveitar materiais para voltar a usar novamente ou para os transformar noutra coisa que se possa usar.

Segundo Hrebynyuk (2010), “Reciclar é dar aos produtos novas utilidades, sendo um processo geralmente económico e para a maioria dos produtos mais rápido e barato que a sua colocação em aterro ou incineradora” (p.42), isto é., utilizar o chamado lixo reciclável, como papel, plástico, vidro, para outros propósitos, sejam eles no ramo das artes, dentro do contexto familiar, entre outros, de forma a poupar não só recursos naturais como recursos monetários e energéticos.

Muito importante é observar como a reciclagem se vem apresentando como uma atitude.

Almeida (2016) afirma que a reciclagem traz “(...) bastantes vantagens como a minimização da utilização de fontes naturais, muitas vezes não renováveis e a diminuição da quantidade de resíduos que necessita de tratamento final, tais como o aterro ou incineração” (p.81). A reciclagem, portanto, é uma ação que não só beneficia a economia, mas possibilita a preservação dos recursos naturais que não se renovam.

O que se pretende é intervir na origem, ou seja, na limitação da produção e da exploração de recursos naturais, pois a uma produção excessiva correspondem outros excessos: o de exploração da natureza, do consumo e da criação de lixos vários.

Uma das principais e mais antigas campanhas é a dos 3 R: reduzir, reutilizar, reciclar (Fonte: Portal do Estado do Ambiente-Portugal b).

Existem já vários fluxos de diferentes produtos para reciclagem, os principais dos quais são: papel, embalagens, vidros, óleos, aparelhos elétricos e eletrónicos (Fonte: Portal do Estado do Ambiente- Portugal a).

Foi já atribuída responsabilidade jurídica aos produtores cujos produtos venham a ter significativo impacto ambiental. Para estes abusos, foi criada uma taxa – o ecovalor – a pagar às entidades que fazem a gestão dos resíduos. Parte desta verba financia campanhas de divulgação e sensibilização para esta causa de defesa do ambiente (Fonte: Portal do Ambiente- Portugal b).

Tem aumentado a reciclagem que fazemos mas ainda é insuficiente.

Dados da OCDE (organismo formado por 36 dos países mais ricos do mundo) informam-nos que estes países reciclam uma média de 36% dos seus resíduos municipais (Fonte: Iberdrola).

Ainda não vencemos o lixo. O BM considera da mais alta importância que os países se empenhem mais na gestão dos seus resíduos e diminuam a produção de lixo com ações educativas para os cidadãos e apoio a projetos de reciclagem (Fonte: Iberdrola)

Entretanto é considerado importante educar precocemente as crianças para a temática da reciclagem, no âmbito da educação ambiental. Trata-se de um trabalho com grande potencial lúdico-educativo, existindo já muitos e recursos disponíveis para este objetivo (Fonte: Iberdrola)

### **2.3. Educação Artística no subdomínio das Artes Visuais**

O domínio da Educação Artística, diz respeito às quatro demonstrações de arte, que são as Artes Visuais, Jogo Dramático/Teatro, Música e Dança (OCEPE, 2016, p. 47).

O/a educador/a, deve ter uma intencionalidade quando trabalha neste domínio, pois este possibilita o desenvolvimento “(...) da criatividade das crianças (...)” (OCEPE, 2016, p.47), possibilitando um alargamento e enriquecimento das representações simbólicas destas.

Ao trabalhar este domínio, o/a educador/a deve dar a conhecer várias demonstrações artísticas pertencentes a diferentes épocas, culturas e estilos, promovendo um trabalho do espírito crítico, por parte das crianças, no que respeita as diferentes formas de ver o mundo.

### 2.3.1. Educação pela Arte

Quanto à educação pela arte, não importa tanto dar resposta à questão da sua definição de arte, mas considerá-la e analisá-la enquanto fruto dum processo, de um comportamento revelador de algo sobre o ser humano. Compreender este processo é compreender um pouco mais quem somos.

Antes de mais temos como certo que criar-inventar algo novo é, por si mesmo, um ato criativo:

Qualquer ato humano que origina algo novo é referido como um ato criativo, independentemente do que é criado: pode ser um objeto do mundo exterior ou uma construção da mente ou do sentimento que vive e se encontra apenas no homem. (Vygotsky, 2012, p.21)

Esta característica bem humana de conjugar adaptação e modificação revela-se cedo e em cada comportamento em que, por algum motivo, foge ao hábito, à rotina. Em tudo isto se encontra a criatividade dos indivíduos.

(...) é fácil notar que os processos criativos se observam já em toda a sua intensidade na primeira infância. Uma das questões mais importantes da psicologia da educação é o problema da criatividade, do seu desenvolvimento e promoção, e do significado da atividade criativa para o desenvolvimento geral e a maturação da criança.” (Vygotsky, 2012, p.26)

Tomamos, então, a Arte como um recurso educativo com um amplo leque de possibilidades de aprendizagens e descobertas. Ela permite à criança observar, pensar-discutir, sentir, tocar, imaginar, experimentar, realizar, saborear. Os domínios da matemática como do conhecimento do mundo... são o ‘ambiente’ em que a criança se encontra e aprende.

Trata-se de utilizar criativamente os contextos artísticos contemporâneos, e deles extrair schema cognitivos e interativos suscetíveis de enriquecer a relação da criança com o seu meio. A arte será então uma ferramenta do pensamento do pedagogo tendo em vista uma educação integral. (p.113)

Este ato humano ocorre de dois modos distintos. O primeiro é um processo de reprodução/recombinação e baseia-se na memória. O cérebro conserva e reproduz ou repete

comportamentos, imagens, esquemas/traços presentes nas experiências passadas. A sua plasticidade é o que permite isto: altera-se com a experiência e guarda-a, podendo, assim, reproduzir um determinado comportamento. Isto é tanto mais eficaz, quantas as vezes o repete ou quanto mais intensa e forte essa experiência for para o indivíduo. Deste modo, se desenvolvem todas as aprendizagens, das simples às mais complexas, das artísticas às científicas e tecnológicas. A qualidade da educação formal e não formal depende muito do modo como são considerados estes processos e como eles são elaborados.

Vygotsky (2012), afirma que a “conservação da experiência anterior” é de grande importância na vida do Homem, pois “(...) facilita a sua adaptação ao meio exterior, criando e elaborando hábitos regulares que se repetem em condições análogas” (p.22). Neste sentido, é preciso haver uma relação entre experiências/vivências passadas e as atividades realizadas, de caráter artístico ou não.

Torna-se evidente que uma das maiores preocupações da escola deveria ser o de desenvolver um maior investimento da escola em proporcionar vivências, experiências ricas do ponto de vista cognitivo ou emocional a todas as crianças. Aliás, desse modo se atenuariam as desigualdades sociais, tão condicionantes do melhor desenvolvimento dos indivíduos e que tanto condicionam a qualidade e quantidade de experiências que, pela memória, retemos e com as quais nos adaptamos ao meio envolvente e nos permitem criar, inventar.

Compreende-se assim facilmente a importância que tem para a vida do homem a conservação da experiência anterior, na medida em que facilita a sua adaptação ao meio exterior, criando e elaborando hábitos regulares que se repetem em condições análogas. (...) se queremos criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade criativa, devemos considerar a necessidade do alargamento da experiência da criança. Quanto mais a criança viu, ouviu e experimentou, mais sabe e assimila. (Vygotsky, 2012, p.22 e p.33)

O segundo modo é um processo não reprodutivo, mas uma função criadora e combinatória - o cérebro combina, modifica e cria. Esta atividade é realizada pela imaginação ou fantasia. Esta ação criadora manifesta a condição de um ser virado para o Futuro. Vygotsky (2012), refere que “é precisamente a atividade criadora do homem que desperta a sua essência que está orientada para o futuro, tornando-o criativo e modificando o seu presente” (p.24), ou seja, é necessário a promoção de atividades que despertem o sentido criativo e criador do aluno.

Esta ação criadora está presente em todas as dimensões da vida humana e não é específica ou exclusiva de nenhum grupo social. É transversal às várias áreas da existência, no espaço e tempo.

(...) existe criatividade não só quando se criam grandiosas obras históricas, mas sempre que o homem imagina, combina, altera e cria algo novo (...). A compreensão científica deste problema obriga-nos a tratar a criatividade mais como uma regra do que como uma exceção. É certo que as manifestações superiores da criatividade são até hoje apenas acessíveis a um grupo de génios eleitos da humanidade, mas no dia a dia a criatividade constitui-se como condição necessária para a existência e tudo o que ultrapassa os limites da rotina, mesmo uma pequeníssima quantidade de novidade, é devida ao processo criativo humano. (Vygotsky, 2012, p.26)

Ora, tudo isto está presente na infância e nos desafios postos à educação. As crianças vivem estes processos nas suas etapas próprias e na necessidade de os viverem e desenvolverem o mais adequadamente possível. É, aliás, uma das maiores tarefas dos educadores: como ajudarem cada criança a crescer na sua capacidade criar.

(...) é fácil notar que os processos criativos se observam já em toda a sua intensidade na primeira infância. Uma das questões mais importantes da psicologia da educação é o problema da criatividade, do seu desenvolvimento e promoção, e do significado da atividade criativa para o desenvolvimento geral e a maturação da criança. (Vygotsky, 2012, p.26)

Esta área de trabalho propõe que o educador tenha sensibilidade, motivação e experiência de cultura artística. O conhecimento de experiência feito continua a ser valioso e, neste caso, trata-se de partilhar, antes de mais, uma paixão e alegria. Neste sentido Queiroz e Bilas (2014), recorrem às ideias de Read (1974) para dizer o seguinte

(...) uma cultura humanista traz mais aptidões para que o educador seja mais aberto à criatividade, à inovação, à interdisciplinaridade, à tolerância, à integração da diferença, à solidariedade. A arte é mais do que objetos, é (...) toda uma filosofia perante a vida que desenvolvida de modo abrangente e integrado, da mais tenra infância, passando pelos anos de educação média, e também pela aprendizagem informal, ao longo da vida, conduz as gerações a um grau mais interventivo, inconformista,

crítico, e resistente à alienação que ameaça o estilo de vida contemporâneo. (p.113)

Estas palavras levam-nos a refletir sobre o modo como a educação artística tem todas as condições para ser uma aprendizagem global uma vez que pode envolver todas as dimensões do indivíduo. Todas as áreas de conteúdo podem ser trabalhadas de uma forma em que as várias dimensões da criança sejam mobilizadas e desenvolvidas. Tudo isto tendo como pano de fundo uma lógica humanista.

Read (2020), no seu livro “Educação pela arte”, defende a ideia do filósofo Platão, afirmando que “(...) a arte deve ser a base da educação” (p.13), ou seja, com a arte podemos trabalhar várias atitudes, disciplinas, noções, etc., fazendo-a de forma interativa e agradável para os alunos.

O mesmo autor refere que não há progresso humano sem evolução do conceito de arte, que vai mais além do aspeto meramente decorativo e que se origina das necessidades mais profundas do ser Humano<sup>1</sup>.

É difícil definir o conceito de arte visto que este é um dos conceitos mais difíceis do pensamento humana, mas há um fenómeno que esta forma de expressão traz, que é a de que como qualquer outra parte do Homem, os sentidos também merecem ser agradados, e é aí que a arte entra e está presente (Read. 2020, p.28).

Devido às vidas tão apressadas e ocupadas que o Homem leva, este pouco observa e reflete sobre a arte que se encontra presente à sua volta<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Ideia base em Read (2020, p.27)

<sup>2</sup> Read (2020, p.28)

## **Capítulo 3. Metodologia**

### 3.1. Opções metodológicas

Um método está relacionado com uma panóplia de princípios orientadores que têm a função de apoiar o investigador enquanto realiza a sua investigação (Guerra, 2013, em Magalhães, 2019).

A investigação é um processo de pesquisa em que se procura cuidadosamente colocar uma questão e proceder sistematicamente para recolher, analisar, interpretar e comunicar a informação necessária para responder à questão. (Graziano & Raulin, 1989, in Sousa,2005)

O processo de investigação possibilita ao investigador formular hipóteses, procurar e verificar qual destas será mais viável. Um investigador inicia a sua investigação a partir da necessidade de clarificar dúvidas e de dar respostas a questões. Uma investigação baseia-se em premissas que possibilitam o desenvolvimento, segundo critérios precisos, de uma análise utilizando a lógica e para a qual usa diferentes procedimentos, chegando a conclusões que se designam como conhecimentos, como demonstra a figura abaixo (figura 1) (c.f. Sousa, 2005, pp.12-13).

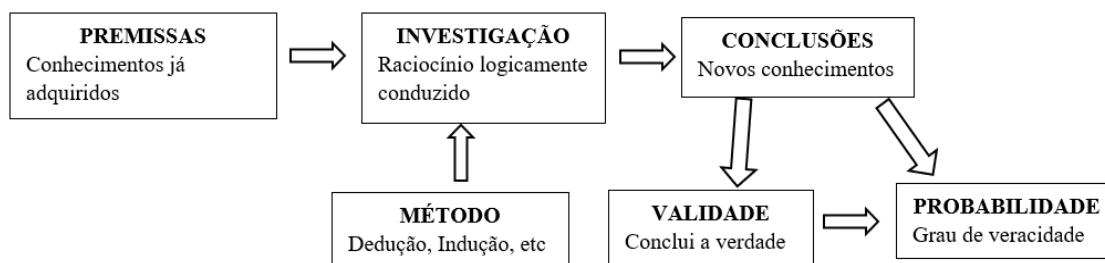


Figura 2- Esquema de Investigação (encontrado em Sousa, 2005, p.13)

A investigação que será realizada terá um carácter qualitativo, sendo definida por Bodgdan e Biklen (1994, p.48) como “descritiva”, isto é, “Os dados recolhidos são em forma de palavras e não de *número*.” Trata-se de um trabalho que não se baseia em números, mas sim nas opiniões, vivências e percepções dos sujeitos, visto que o(a) investigador(a) se encontra em campo e disponibiliza o seu tempo para o fazer, devido à preocupação que tem com o contexto.

Para a realização de uma investigação qualitativa é necessário que o(a) investigador(a) tenha a noção de que tudo pode ser incluído nela, estabelecendo uma compreensão mais abrangente do objeto que se quer estudar.

A condição de professor teve e tem estatutos distintos, formais e informais, consoante os pensamentos políticos e ideológicos dominantes no momento. O que foi pedido aos professores alterou-se com o tempo e hoje está cheio de novos desafios. Houve um tempo em que ser professor era ter conhecimento e autoridade diante de alunos que o reconheciam e pacificamente se adaptavam ao seu método.

Roldão (2004), em Duarte e Moreira (2020), afirma “(...) outrora, o professor era aquele que *professava* um dado saber e que o transmitia aos alunos, em certa medida agentes passivos e externos ao processo” (p.81).

Hoje, as escolas mantêm ainda muito deste modo de ensino, embora haja muita variedade nas práticas. Segundo Alarcão (2014 in Duarte e Moreira, 2020), “é notório que a lógica do individualismo e do controlo técnico-burocrático é, ainda hoje, uma realidade nos distintos ambientes escolares.” (p.81). O poder político e a opinião pública pressionam muito a escola em busca de resultados positivos como se fosse isso a única coisa que interessa, mesmo com a desvalorização do que e como está a ser ensinado.

Hargreaves e Fullan (2012), que são de opinião que “certos sistemas educativos ocidentais estão a ser influenciados por forças concretas que, marcadas por uma obsessão pelo contável, procuram moldar a profissão em função do alcance de altos resultados em testes uniformes” (Duarte e Moreira, 2020, p.81).

Não será por acaso que muitos professores se sentem cansados e desmotivados e não o calam.

No entanto, há o desafio de enfrentar as dificuldades que, no dia a dia, vão surgindo na sala de aula. Há o desafio de “ser capaz de se organizar para, perante uma situação problemática, se questionar intencional e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução” (Alarcão, 2001 referida por Costa e Oliveira, 2015, p.184).

É esta capacidade de se questionar e de se organizar que é importante descobrir e desenvolver para se crescer como professor. Ser atento, observador e refletir, são os passos iniciais para este tipo de trabalho. Em vez de simples conformação às indicações superiormente dadas e aos procedimentos a realizar em planos preestabelecidos, há quem entenda que o professor deve ser um sujeito de conhecimento, de estudo. Saber o que se faz, porquê, para quê e como é o desafio colocado a cada profissional.

Um dos impulsionadores desta conceção da identidade e missão do professor, Stenhouse (2003), afirma que “(...) o professor deve ser autónomo, livre e com determinados propósitos, orientados pelo conhecimento, que articula todos os elos da sua prática, autorregulado por um “processo de investigação que é inerente ao processo de ensino e de aprendizagem” (c.f. a Costa e Oliveira, 2015, p.183).

Debruçar-se sobre a prática educativa, para a aprofundar e conhecer melhor, partindo da sua própria experiência, das suas intuições e crenças, com os métodos e instrumentos científicos disponíveis é a forma mais completa do ser professor.

Duarte e Moreira (2012), referem que

O debate sobre aquilo que define e caracteriza a profissão docente, alicerçado na «multiplicidade dos saberes (teóricos, processos, contextuais), dos valores, dos direitos e dos deveres inerentes à função social de educar, ensinando» (Alarcão, 2014, p. 26), não pode cessar, assumindo-se que é através dele que se pode refletir sobre: i) o que é, de facto, a profissão de professor; ii) como poderia ser a profissão docente; iii) quais as suas potencialidades (porventura utópicas). (p.82)

Estes estudos de investigação por parte dos docentes, seguindo as regras da investigação académica, têm particularidades próprias. A pesquisa científica foca-se na procura de algo original, do não conhecido ainda, e da confirmação por parte da comunidade científica quanto aos critérios de investigação assumidos internacionalmente. Mestre (2010) faz referência a Beillerot (1991), que propõe três critérios para que uma investigação possa ser validada “*a produção de conhecimentos novos* (embora reconheça a dificuldade de decidir sobre o que é novo), *processo de investigação rigoroso* (sistemático, susceptível de ser reproduzido), *comunicação dos resultados* que permita a discussão crítica, a verificação, a construção sucessiva” (p.33).

Ausubel (2000), define aprendizagens significativas ou *meaningful learning*, como a aquisição de novos conhecimentos e que para os quais tem de haver uma ligação com os conhecimentos já adquiridos, acerca da reciclagem e das artes, como a noção de dar um novo propósito a um certo objeto ou a noção de que a arte tem várias manifestações (fotografia, pintura, entre outros).

Estas aprendizagens mobilizam não só a atenção, mas também as dimensões afetivas e criativas que as crianças possuem, apreendendo conhecimentos novos e que vai conservar, na sua memória, essa experiência de uma forma efetiva.

### **3.2. Plano de investigação**

A concretização da investigação iniciou-se com uma pergunta, à qual se seguiu a definição dos objetivos e subsequentemente a operacionalização e planeamento do estudo. Como referido, decorrente da Pandemia COVID-19 a metodologia inicial teve que ser reformulada.

#### **3.2.1. Questão de Investigação**

O desenvolvimento da consciência ambiental pode ter como ponto de partida as artes visuais?

#### **3.2.2. Objetivos de investigação**

- Promover momentos educativos, com o grupo, que ajudem no desenvolvimento da consciência ambiental;
- Desenvolver, com recurso às artes visuais, a preocupação pelo cuidado do planeta
- Desenvolver a criatividade promovendo o reuso de materiais

#### **3.2.3. Descrição do plano/teia de investigação**

O plano de investigação é inserido no paradigma participativo, sendo que este diz respeito a uma investigação sobre a própria prática. Esta investigação possui características da investigação-ação, pois o investigador tem um papel ativo, neste processo. Para a sua realização pretende-se uma relação entre a investigadora e os investigados, as crianças. Esta relação deve ser interativa, efetiva e ampla para que a investigação seja feita de maneira a responder à questão de investigação.

Numa primeira fase da investigação, é feita uma observação do grupo de modo a perceber as necessidades e interesses do grupo, assim como, a elaboração da questão e dos objetivos de investigação para direcionar as atividades.

A segunda fase é a fase na qual o investigador inicia a sua intervenção educativa, através da realização das atividades contempladas no Plano de Ação e que dizem respeito à problemática.

Durante a investigação são recolhidos dados através das propostas das atividades, no âmbito do estudo pretendendo analisar e interpretá-los. Esta recolha de dados, é feita com o objetivo

de investigar o impacto das atividades e das aprendizagens que se pretende que o grupo adquira.

Esta investigação tem, ainda, um aspeto analítico e interpretativo, devido ao facto de ao longo deste projeto estarem a ser realizadas narrativas supervisivas dialogadas, que dizem respeito à prática pedagógica da investigadora. Na sua realização, era feita uma reflexão sobre situações e/ou atividades realizadas, fazendo com que houvesse uma consciencialização dos aspetos a melhorar numa futura implementação destas. Estas narrativas por terem um aspeto dialogadas eram discutidas com a educadora cooperante, possibilitando a construção de uma profissionalização consciente por parte da investigadora.

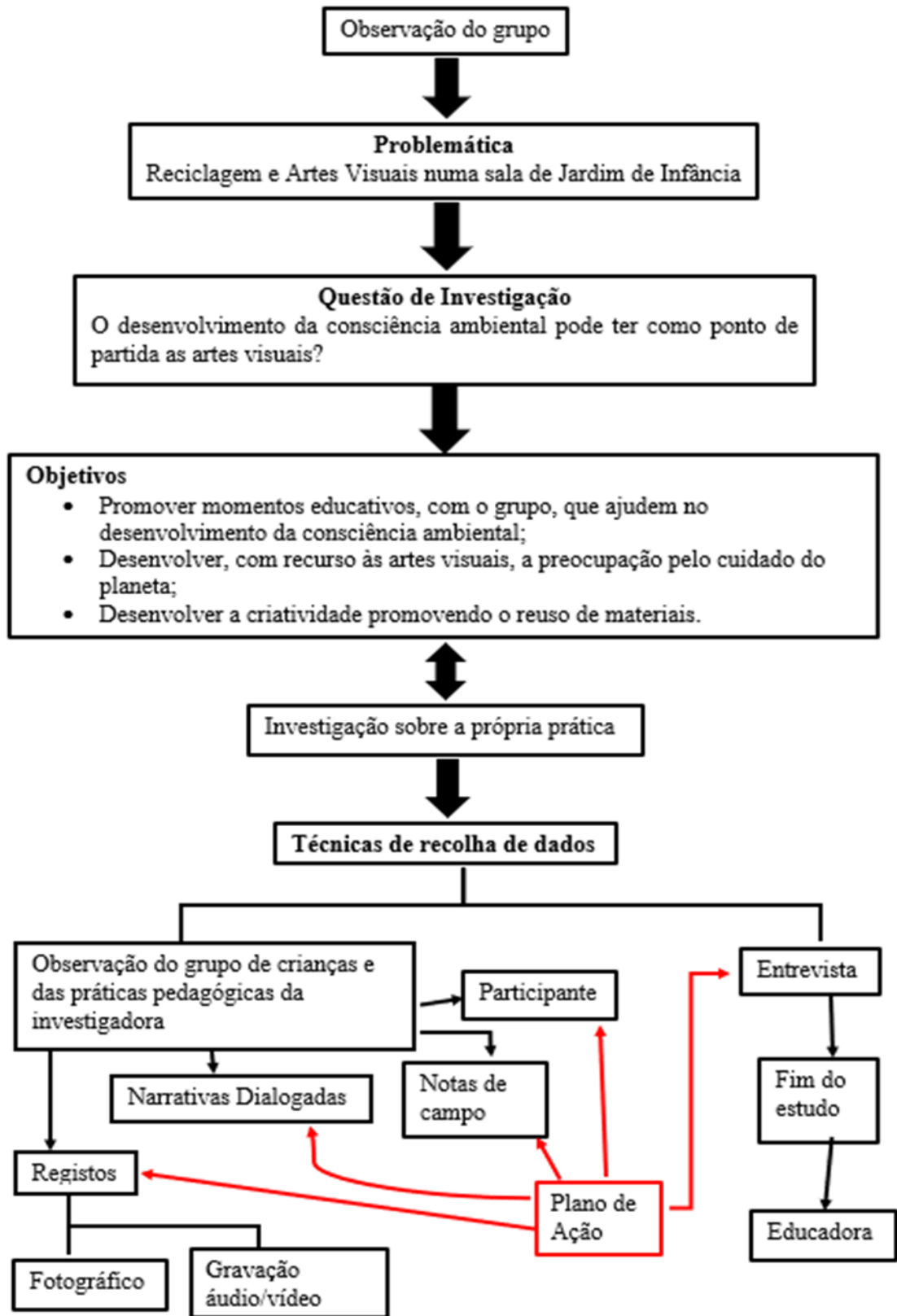


Figura 3 - Plano de Investigação

#### **3.2.4. Calendarização do Plano de Investigação**

A primeira fase, foi o momento inicial da investigação, no qual o principal objetivo era o de observar o grupo de modo a elaborar a questão de investigação, os respetivos objetivos, o desenvolvimento de uma relação com a educadora cooperante através do diálogo, assim como a pesquisa sobre as temáticas que a investigadora pretendia estudar.

A segunda fase, correspondeu à redação inicial do enquadramento teórico, elaboração do plano de investigação, dos instrumentos de recolha de dados, do plano de ação e a sua implementação.

A terceira fase disse respeito à realização da entrevista à educadora cooperante e ao tratamento e análise de dados.

A quarta e última fase, alude à avaliação, por parte da investigadora, de todas as atividades feitas com as crianças. Incluídas nestas, estão as reflexões de carácter descritivo da prática da investigadora e as narrativas supervisivas dialogadas realizadas ao longo de PESIII, assim como as conclusões e as avaliações das atividades propostas por esta.

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

Tabela 1- Cronograma do Plano de Investigação

Descrição	PESII							
	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
<b>1ª Fase</b>								
Observação participante	X	X	X	X	X	X		
Identificação do Problema	X	X						
Diálogo com a educadora cooperante	X	X	X	X	X	X		
Elaboração da questão de investigação	X	X	X					
Elaboração dos objetivos de investigação	X	X	X					
Pesquisa	X	X	X	X				
<b>2ª Fase</b>								
Redação do Enquadramento Teórico		X	X	X	X	X	X	X
Elaboração do Plano de Investigação		X	X	X	X			
Elaboração dos instrumentos de recolha de dados		X	X					
Elaboração do Plano de Ação		X	X	X				
Implementação do Plano de Ação				X	X			

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

3ª Fase								
Entrevista à Educadora Cooperante						X		
Tratamento e Análise dos dados				X	X	X	X	
4ª Fase								
Reflexões	X	X	X	X	X	X		
Narrativas Supervisivas Dialogadas	X	X	X	X	X	X		
Conclusões					X	X	X	X
Avaliação					X	X	X	X

### 3.2.5. Caraterização da instituição

A instituição, na qual a investigadora realizou a Prática de Ensino Supervisionada III-Jardim de infância (PESIII-JI), é de carácter privado e está situada no concelho de Loures. Esta tem três níveis de ensino: a creche, o jardim de infância e o 1º ciclo do ensino básico, dando resposta a 275 alunos, distribuídos da seguinte maneira:

Tabela 2- Distribuição dos alunos por sala e respetiva valência

Valência	Sala/ ano escolar	Crianças por sala	Total de crianças por valência
Creche	Berçário A	4	57
	Berçário B	5	
	Aquisição da Marcha A	8	
	Aquisição da Marcha B	8	
	2 Anos A	16	
	2 Anos B	16	
Jardim de Infância	3 Anos A	12	98
	3 Anos B	12	
	4 Anos A	19	
	4 Anos B	18	
	5 Anos A	19	
	5 Anos B	18	
1º Ciclo do Ensino Básico	1º Ano A	17	120
	1º Ano B	19	
	2º Ano A	15	
	2º Ano B	15	
	3º Ano A	14	
	3º Ano B	13	
	4º Ano A	14	
	4º Ano B	13	
Total de alunos da instituição			275

Como exposto na tabela 1: a creche é frequentada por 57 crianças, distribuídas por seis salas; o jardim de infância por 98 crianças, distribuídas por seis salas; e o 1º Ciclo do Ensino Básico por 120 crianças, distribuídas por oito salas.

Os trabalhadores desta instituição encontram-se divididos em docentes e não docentes e da seguinte forma:

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

Tabela 3- Distribuição do número de docentes e não docentes

<b>Docente</b>	<b>Número</b>	<b>Não Docente</b>	<b>Número</b>
Diretora	1	Auxiliares de educação	12
Gestora de Pessoas	1	Cozinheiras	2
Coordenadora de serviços	1	Senhora da limpeza	1
Assistente de secretaria	1	Empresa de limpeza	3/4
Técnica administrativa	1		
Educadoras e professores	18 (10 educadoras e 8 professoras)		

A instituição proporciona atividades curriculares, as obrigatórias e que estão contempladas no horário de cada grupo, e as extracurriculares. Destas atividades curriculares, há as que são implementadas nas três valências e aquelas que são apenas implementadas em duas, seguindo a seguinte distribuição:

Tabela 4- Distribuição das atividades curriculares por valências

<b>Atividades Curriculares</b>	<b>Valência</b>		
	Creche	Pré-Escolar	1º Ciclo
Expressão Musical	X	X	X
Computação e Robótica		X (5 anos)	X
Expressão Motora	X	X	

Tabela 5- Distribuição das atividades extracurriculares por valências

<b>Atividades Extracurriculares</b>	<b>Valência</b>		
	Creche	Pré-Escolar	1º Ciclo
Yoga	X		
Judo		X	X
Futsal		X	X
Ballet		X	X
Hip-Hop		X	X

### 3.2.5.1. Caraterização do grupo de crianças

A educadora adota uma metodologia de projeto, o que promove o desenvolvimento de uma postura ativa das crianças nas suas aprendizagens, pois vai ao encontro dos seus interesses e capacidades.

Pereira (2014) define metodologia de projeto como:

O trabalho de projeto é um meio, [para desenvolver] a autonomia e participação que torna a criança num sujeito ativo nas suas aprendizagens, uma vez que é dela que surge o interesse (intrínseco) (...) [assim como] permite que a criança desenvolva um sentido de investigação, partilha e espírito crítico, de planificar as suas próprias atividades, de formular hipóteses, levantar questões que a inquietam e (...) avaliar o processo realizado e o seu resultado (...) (pp. 17-18)

Por se trabalhar com esta metodologia, as atividades, planeadas ou não, vão ao encontro do que o grupo quer trabalhar, com autonomia face ao projeto de sala.

Tabela 6- Distribuição do grupo por sexo e idade.

Sexo	Idades		
	4 anos	5 anos	6 anos
Rapaz	1	11	2
Rapariga	0	4	1
Total	1	15	3

Oito das dezanove crianças têm irmãos, a maioria dos quais também é aluno da instituição nas mesmas ou noutras valências.

Das dezanove crianças, quatro crianças frequentam esta escola pela primeira vez.

Neste grupo existem três crianças que se encontram abrangidas pelo artigo 54/2008 referenciadas pela Equipa Local de Intervenção (ELI), bem integradas e incluídas no grupo.

Todas as crianças são de nacionalidade portuguesa.

O grupo, de uma forma geral, gosta de partilhar e conversar, é muito ativo e participativo nas atividades ou projetos que lhes são propostos, assim como, estabelecem boas relações

com os adultos. Aquando de conversas em grande grupo existem, ainda, crianças que se dispersam, o que demonstra que a sua capacidade de atenção é menor.

Relativamente às habilitações literárias dos encarregados de educação, a grande maioria das mães é licenciada e os pais dividem-se entre o 12ºano e licenciatura.

Três das 19 crianças vivem em situação familiar distinta em que duas vivem com ambos os pais em regime de guarda partilhada e uma vive apenas com a mãe e avó. Das restantes 16 crianças, 9 vivem com os pais e com os irmãos.

No que diz respeito à deslocação para a instituição, duas crianças utilizam o transporte escolar, sendo que os restantes se dirigem à instituição de carro com os pais.

### **3.2.5.1.1. Caraterização dos sujeitos/participantes no estudo**

Os participantes deste estudo, inicialmente, eram quatro crianças, três meninos e uma menina, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos. No entanto, as atividades realizadas eram destinadas a todo o grupo. Foi pensado, no início da investigação, a realização de entrevistas no início e no fim do estudo. Estas iam ser feitas às crianças e à educadora cooperante mas, devido ao facto da investigadora ter contraído COVID-19 e ao estado de emergência no qual o país se encontrava no momento, este instrumento de recolha de dados não pôde ser realizado com as crianças, tendo sido apenas realizada com a educadora cooperante.

Com a mudança do regime de realização das atividades, de presencial para online, e devido ao facto de nem todos os participantes, inicialmente definidos, participarem nas atividades, a recolha de dados foi feita com o grupo todo, a partir dos trabalhos que as crianças faziam e que os cuidadores facultavam.

A investigadora, por ter um papel ativo e reflexivo no decorrer desta investigação, também foi um dos participantes do estudo.

Outro participante do estudo foi a educadora cooperante, com a qual foram realizadas as narrativas supervisivas dialogadas e com a qual a investigadora planeava as atividades.

### 3.2.5.2. Caracterização do ambiente educativo

Teorias da Psicologia Genética, referidas por Cardona (1999), estas defendem que o ambiente educativo deve ser rico e que deve proporcionar estímulos que desenvolvam a autonomia da criança.

Como diz Forneiro (2008), o ambiente educativo diz respeito ao conjunto de espaços físicos e às relações que se estabelecem (afetivas e interpessoais) entre as crianças (criança-criança) e entre elas e os adultos (criança-adulto), assim como as associações com os objetos, odores, sons e pessoas. Ainda segundo a mesma autora, o ambiente educativo divide-se em quatro dimensões, física, funcional, temporal e relacional, descrevendo-se da seguinte maneira:

- Dimensão física – o aspeto material do ambiente: trata-se do espaço físico e as suas condições estruturais e diz respeito também aos objetos que estão presentes assim como à sua organização.
- Dimensão funcional – o modo como o ambiente é utilizado: se o é de modo autónomo pelas crianças ou se estas necessitam da supervisão do adulto; a polivalência (as diversas funcionalidades que este espaço pode ter) e as atividades (que as crianças possam realizar num determinado espaço físico) que para ali são concebidas.
- Dimensão temporal - refere-se à organização do tempo destinado às atividades, o que está intrinsecamente ligado ao espaço em que se realiza cada uma delas e diz muito respeito ao ritmo com que se desenvolvem as atividades do grupo.
- Dimensão relacional - refere-se às relações que se estabelecem dentro da sala e à forma como as crianças se relacionam com os espaços e como acedem a estes; os diversos grupos que se formam na realização de atividades e a participação do educador nos diversos espaços da sala e nas atividades que são realizadas pelas crianças.

Forneiro (2008) afirma que o ambiente não é algo estático, ou seja, estas dimensões são mutáveis e que se podem agrupar mas que também existem de forma independente umas das outras.

Na sala de atividades, todas estas dimensões são inteiramente respeitadas e trabalhadas, visto que estas possibilitam um ambiente prazeroso para a aprendizagem.

A educadora adota a metodologia de trabalho de projeto, promovendo, deste modo, a participação livre das crianças

### 3.2.5.2.1. Dimensão espacial

Relativamente à sala de atividades em que a investigadora esteve, todas estas dimensões foram tidas em conta, quer por si quer pela educadora cooperante, fazendo com que o grupo de crianças se sentisse o mais à vontade possível na sala, mesmo sabendo-se que há momentos destinados a atividades dirigidas pela educadora e atividades da iniciativa das crianças.

A sala de atividades está adaptada às crianças e dispõem-se da seguinte maneira:

- 1- armário onde estão guardados os trabalhos e onde se encontram os livros
- 2- tapete/ área da cidade
- 3- armário onde se guardam materiais como tintas, pinceis e documentos
- 4- armário onde se guardam os jogos
- 5- mesas de trabalho
- 6- área da casinha
- 7- quadro de giz
- 8- janelas
- 9- lavatório
- 10- zona das águas
- 11- mapa das presenças

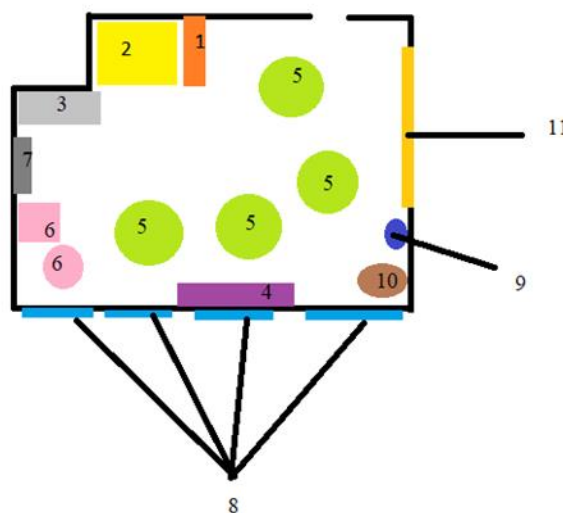


Figura 4- Planta da sala de atividades e respetiva legenda

O espaço e os materiais da sala são adequados quer ao número e tamanho das crianças, quer às suas necessidades.

Na área da casinha podem estar entre quatro a cinco crianças, na da cidade oito crianças, na zona/área das águas três crianças e na área das fantasias só cinco crianças. Esta gestão decorre com naturalidade e as crianças estão confortáveis, por já se encontrarem habituadas.

Os materiais nestas áreas estão organizadas de forma acessível às crianças e estas sabem que estes têm de ser arrumados após brincarem. A intencionalidade pedagógica destas áreas é

principalmente para desenvolver a independência das crianças e o sentimento de cuidado e respeito pelas regras de cada uma delas.

#### **3.2.5.2.2. Dimensão temporal**

Durante o período letivo das 9h às 16h, o grupo tem um horário fixo de atividades orientadas pela educadora e por outros docentes que se responsabilizam pela educação física, o inglês, a robótica e a estimulação global.

As aulas de estimulação global são realizadas às terças e quintas, sendo que o grupo se divide em dois (um tem às terças e o outro às quintas) e são desenvolvidas por uma equipa multidisciplinar.

As atividades letivas fixas, como inglês, robótica e educação física, são dadas por professores.

No horário do grupo, as atividades orientadas dizem respeito aos projetos que surgem na sala ou a momentos em que o grupo se encontra em sala, mas em brincadeira livre numa das suas áreas. A transição entre atividades orientadas e as atividades curriculares é feita de forma tranquila e sem perturbações. Por exemplo, às segundas e quartas, quando se está a realizar uma atividade em sala e percebemos que uma das crianças já acabou o que lhe foi pedido, vamos ao encontro dela e pedimos que vá buscar as sapatilhas para a aula de educação física, mantendo-se ativa e acompanhada.

As atividades orientadas mudam consoante a atividade planeada e os temas que as crianças querem abordar, pois a educadora adotou a metodologia de projeto. As atividades de iniciativa das crianças ocorrem nos momentos em que não há atividades planeadas, nomeadamente, quando estas se encontram no terraço da instituição. Neste sentido, todos os dias há momentos de atividades de iniciativa das crianças, ocorrendo principalmente após o almoço.

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

Tabela 7- Rotina diária

	2. <sup>a</sup> feira	3. <sup>a</sup> feira	4. <sup>a</sup> feira	5. <sup>a</sup> feira	6. <sup>a</sup> feira
9:00-9:15	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento	Acolhimento
9:15-9:30					
9:30-9:45	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Inglês
9:45-10:00					
10:00-10:15	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
10:15-10:30	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas
10:45-11:00			Música		
11:00-11:15		Música			
11:15-11:30					
11:30-11:45	Higiene/ Almoço/ Higiene	Higiene/ Almoço/ Higiene	Higiene/ Almoço/ Higiene	Higiene/ Almoço/ Higiene	Higiene/ Almoço/ Higiene
11:45-12:00					
12:00-12:15					
12:15-12:30					
12:30-12:45	Terraço	Terraço	Terraço	Terraço	Terraço
12:45-13:00		Estimulação Global			
13:00-13:15	Higiene		Higiene	Estimulação Global	Higiene
13:15-13:30					
13:30-13:45	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas
13:45-14:00			Robótica		
14:00-14:15	Educação Física	Inglês		Atividades Orientadas	
14:15-14:30					
14:30-14:45					
14:45-15:00	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	Atividades Orientadas	
15:00-15:15					
15:15-15:30					
15:30-15:45	Higiene/ Lanche/ Higiene	Higiene/ Lanche/ /Higiene	Higiene/ Lanche/ Higiene	Higiene/ Lanche/ Higiene	Higiene/ Lanche/ Higiene
15:45-16:00					
16:00-16:15	Terraço	Terraço	Terraço	Terraço	Terraço
16:15-16:30					

O espaço do terraço encontra-se dividido em duas áreas, uma com chão almofadado, com escorregas e casas plásticas adequadas às idades e uma outra onde as crianças podem andar de triciclo, brincar com peças de lego grandes ou sentarem-se em sofás de espuma e verem livros.

### 3.2.5.2.3. Dimensão relacional

As relações estabelecidas entre criança e adulto dentro da sala são de respeito, mas também de carinho, sendo este muito importante para conseguir criar laços afetivos duradouros com

as crianças. Há respeito pelo tempo e pelas necessidades e vontades das crianças, havendo, porém, momentos em que lhes são dados a conhecer que durante um certo período se realizará uma atividade.

As relações adulto-adulto são também de respeito e de entreajuda, pois estamos a trabalhar com e para um grupo comum que merece que estejamos em sintonia e que façamos as atividades seguindo normas definidas por nós.

A relação estabelecida entre a educadora e os pais/famílias, é, igualmente, de respeito, entreajuda e participação. A responsável de sala encontra-se em constante comunicação com os encarregados de educação o que faz com que estes se envolvam nas atividades que a Educadora propõe, através da aplicação de telemóvel que a instituição possui. Nesta aplicação, os encarregados de educação podem partilhar fotografias, enviar avisos e informações sobre as crianças, assim como, verem a planificação semanal das atividades que estão estipuladas para aquele período.

### **3.3. Instrumentos de recolha de dados**

Os instrumentos ou as técnicas utilizadas para obter e recolher dados “(...) são os meios técnicos que se utilizam para registar as observações ou facilitar o trabalho experimental” (Bisquerra, 1989 in Sousa, 2005, p.181). O último autor acrescenta ainda “em investigação em educação os [instrumentos] mais usuais são a videogravação, testes, questionários, entrevistas, incidentes críticos, *checklists*, matrizes, descrições, análise de conteúdo e análise documental” (p.181).

De todos estes instrumentos referenciados por Sousa (2005), os que a investigadora utilizou foi a descrição, por vezes não muito boa das atividades e das partilhas das crianças, e a entrevista, feita apenas à educadora cooperante devido a razões incontroláveis. Para além destes a observação foi também uma das ferramentas utilizadas para a obtenção de dados, por parte das crianças relativamente a uma atividade.

É importante referir que a investigadora utilizou, com a ajuda da educadora cooperante e com o conhecimento dos pais, fotografias dos trabalhos das crianças facultadas por esta.

A observação do grupo era de caráter participante que, segundo Bogdan e Biklen (1994), na qual o(a) investigador(a) “(...) tem um envolvimento completo com a instituição, existindo apenas uma pequena diferença discernível entre os seus comportamentos e os do sujeito” (p.125). A investigadora envolveu-se nas atividades do grupo e estabeleceu uma relação afetiva com este.

Tendo em conta o objetivo da investigação, o contexto humano e social e as relações existentes entre a investigadora e esse mesmo contexto, esta optou por uma investigação qualitativa recorrendo às seguintes técnicas de recolha de dados: a observação participante, análise documental e a entrevista semi-estruturada (Miranda, 2009).

O paradigma assumido foi o interpretativo por se tratar de uma investigação educacional no centro da qual se encontram comportamentos humanos que interessava compreender. Era a singularidade de cada um dos indivíduos, no dinamismo próprio das suas aprendizagens que importava captar e compreender. Neste sentido, sabia-me investigadora e membro do grupo, colhendo nessa proximidade oportunidades de observação com grande carga informativa, assumindo a dimensão de subjetividade assim existente.

Para complementar as informações recolhidas pela observação, fez-se uma análise documental, na forma das narrativas supervisivas dialogadas. Estas faziam parte dos requisitos de PESIII, no entanto foram um instrumento de recolha de dados e de reflexão sobre as atividades e sobre o grupo observado.

A observação foi permanente, uma vez que eu fazia parte do grupo de trabalho da sala. Foi com ela que foram recolhidas a grande maioria de informações para este trabalho. A proximidade da investigadora permitiu-lhe esta observação participante em que agindo no meio do grupo também provocava respostas que, por sua vez eram alvo da sua atenção. Nos momentos próprios, registava os elementos mais significativos.

A entrevista foi semi-estruturada, com um corpo de perguntas metodicamente selecionadas e elaboradas mas com espaço para a surpresa oportuna. Ali, entrevistadora e entrevistada partilhavam também o cuidado de um grupo de crianças, o que permitia um ambiente de diálogo e à vontade. Este é o tipo de entrevista que permite a fidelidade a um rumo de busca de uma determinada informação e, ao mesmo tempo, com espaço para pormenores significativos que podem surgir de modo inesperado.

### 3.3.1. Entrevista

Sousa (2005) afirma que “a entrevista é um instrumento de investigação cujo sistema de colecta de dados consiste em obter informações questionando diretamente cada sujeito” (p.247). A entrevista pode ser, portanto, considerada como um instrumento de recolha de dados que possibilita obter informações de uma forma mais direta, visto que as respostas dadas pelo entrevistador(a), são feitas no momento em que a pergunta é realizada.

Este instrumento de recolha de dados possibilita o esclarecimento de dúvidas do entrevistador(a) em relação às respostas do(a) entrevistado(a) ou deste(a) sobre as questões colocadas.

A entrevista que a investigadora realizou foi à educadora cooperante e designa-se por semi-estruturada, visto que as questões colocadas possibilitavam uma resposta mais elaborada e dadas de forma livre.

Inicialmente foram elaborados dois guiões de entrevista, uma para a educadora cooperante e outra para quatro crianças previamente selecionadas, mas devido ao confinamento nacional e ao facto da investigadora ter contraído COVID-19 esta, segunda, não foi possível ser feita. Para a recolha de dados por parte das crianças foi pedido aos pais/encarregados de educação/familiares que enviassem para a educadora cooperante uma fotografia do resultado final da atividade proposta pela investigadora.

A elaboração das questões disse respeito à questão de investigação e ao tema, sendo que visaram obter a opinião da educadora cooperante relativamente à educação ambiental, reciclagem e educação artística.

É de notar que uma entrevista não é um interrogatório. Um dos objetivos da entrevista é o de “(...) estabelecer [com o(a) entrevistado(a)] uma conversa amena e agradável no decurso do qual [este(a)] vai proporcionando as informações que o entrevistador espera” (Sousa, 2005, p.247). Quer isto dizer que este instrumento de recolha de dados deve ser vista como uma conversa, que tem como objetivo a obtenção de certas informações sobre os temas da investigação que se está a realizar ou se realizou.

Inicialmente “(...) o entrevistador explica a natureza (...) e a importância para este das opiniões que se vão pedir” (Sousa, 2005, p.252), devido às conversas entre a investigadora e a educadora cooperante, esta estava a par/familiarizada visto que o projeto de sala se incluía na investigação realizada, assim como, corresponder aos seus interesses.

Segundo Sousa (2005)

Durante (...) o decorrer de uma entrevista, é fundamental que o entrevistador nunca se esqueça de que é apenas um instrumento que deverá recolher dados do modo mais isento possível, procurando não sair deste propósito, evitando emitir quaisquer opiniões pessoais ou formular perguntas de tal modo que possam influenciar de algum modo as respostas do sujeito. (p.253)

Na realização da entrevista, a investigadora não fez as questões de modo a obter/induzir a entrevistada a responder de determinado modo.

Relativamente à participação do entrevistado é normalmente generosa, visto que este sujeito está a dispor do seu tempo sem receber qualquer recompensa. O respeito e os agradecimentos a este sujeito pela sua disponibilidade para a possibilidade da realização da entrevista.

O(a) entrevistador(a), ao longo da entrevista, deve ter atenção não só à linguagem verbal, o que é dito, mas também à linguagem não-verbal, as expressões faciais, os movimentos corporais, do(a) entrevistado(a).

A linguagem, que se deve empregar no decorrer da entrevista, deve acessível de modo dar ao entrevistado uma motivação para responder às questões colocadas.

### **3.3.1.1. Análise de conteúdo**

A entrevista dividiu-se em seis blocos: A- Legitimação de entrevista; B- Concepções da educadora sobre a educação ambiental; C- Conceção da educadora sobre a educação artística e a relação desta com a educação ambiental; D- Conhecer a prática pedagógica da educadora relativamente a propostas sobre a educação ambiental; E- Obter informação para analisar a prática pedagógica da educadora estagiária; e F- Agradecimentos.

Após a realização da entrevista, da respetiva transcrição, foi feita a categorização das respostas dadas pela entrevistada.

Relativamente à categorização, Sousa (2005) afirma que “as *categorias* são normalmente determinadas após uma inspeção inicial do documento, cobrindo as principais áreas de conteúdo” (p.265). Numa primeira leitura da transcrição da entrevista, gravada, é elaborada

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

uma lista das categorias presentes nesta. No caso da entrevista realizada pela investigadora, foram elaboradas sete categorias, sendo que cada uma destas se subdivide em subcategorias.

Tabela 8- Categorização da análise da entrevista à educadora cooperante

Número	Categoria	Divisão
1	Educação Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorização da promoção da Educação Ambiental;</li> <li>• Valorização de um currículo que integre intencionalmente a Educação Ambiental;</li> <li>• Reutilização e criação de novos propósitos para os materiais.</li> </ul>
2	Educação Artística	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorização da criatividade;</li> <li>• Valorização da criatividade na Educação Artística;</li> <li>• Promoção da Educação Artística e autonomia dada à criança de criar com o que lhe é fornecido pelo adulto ou escolhida por este.</li> </ul>
3	Reciclagem	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorização da Reciclagem/processo de Reciclagem;</li> <li>• Reutilização de materiais.</li> </ul>
4	Práticas da Educadora Cooperante	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conceções da educadora cooperante sobre a Educação Ambiental;</li> <li>• Práticas familiares/locais da educadora cooperante relativamente à Educação Ambiental;</li> <li>• Como é feita a transferência das suas conceções para os grupos;</li> <li>• Conceções da educadora relativamente à Reciclagem;</li> <li>• Práticas pedagógicas/educativas da educadora com os grupos.</li> </ul>
5	Práticas da aluna estagiária/ investigadora	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evolução gradual da capacidade de estimular o grupo pela investigadora;</li> <li>• Estratégias adotadas pela aluna estagiária/ investigadora na interligação da Educação Artística, subdomínio das Artes Visuais com a Reciclagem;</li> <li>• Práticas pedagógicas da aluna estagiária/ investigadora;</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adoção de práticas educativas/investigativas promotoras da sustentabilidade.</li> </ul>
6	Grupo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sensibilização das crianças para a Educação Ambiental e através das crianças para as famílias;</li> <li>• Interpretação das criações das crianças como forma de arte;</li> <li>• Contributos da Reciclagem para o desenvolvimento da criatividade das crianças e aprender a reutilizar os materiais;</li> <li>• Implicar as crianças na escolha dos materiais reutilizados;</li> <li>• Aprendizagens das crianças relativas à Educação Ambiental e Sustentabilidade.</li> </ul>
7	Situação da realização das atividades	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação na qual as atividades foram realizadas;</li> <li>• Artistas trabalhados na altura/situação de confinamento;</li> <li>• Condições estabelecidas para a realização das atividades.</li> </ul>

### 3.3.2. Triangulação de Dados: Aprendizagens

Segundo Sousa (2005),” o termo “triangulação” deriva da navegação marítima e da geografia militar, onde se localiza um determinado ponto pela sua direcção e distância em relação a três pontos referenciais diferentes” (p.172), como demonstrado abaixo



Figura 5- Esquema de triangulação de dados (adaptada de Agostinho (2015, p.33))

A investigação realizada, teve como principal área de conteúdo as AV, cujo trabalho foi feito com materiais reutilizados – não incluindo tintas, canetas de feltro, lápis, etc. –, e com o objetivo de desenvolver a consciência ambiental.

No caso da investigação realizada, foram concebidas atividades relacionadas com o tema, aproveitando o facto das crianças já terem algumas preconcepções sobre a reciclagem, as quais foram alargadas através de dinâmicas relacionadas com as AV e para as quais foram utilizados materiais reutilizados.

As atividades realizadas tinham como objetivo o desenvolvimento de uma consciência sustentável, de modo a que as crianças assumissem posturas responsáveis e percebessem que os materiais podem ter outro fim que não o lixo.

Com a realização das atividades e com a entrevista à educadora cooperante, ficou claro para a investigadora, que as aprendizagens que as crianças fizeram, por menores que fossem, foram marcantes. Estas assumem, em sala e entre si, uma postura consciente e alertam-se para certas atitudes menos corretas que alguém da sala possa ter.

A investigação realizada teve como principal área de conteúdo as AV, cujo trabalho foi feito com materiais reutilizados – não incluindo tintas, canetas de feltro, lápis, etc. –, e com o objetivo de desenvolver a consciência ambiental.

Para esta investigação foram concebidas atividades relacionadas com o tema, aproveitando o facto das crianças já terem algumas preconcepções sobre a reciclagem as quais foram alargadas através de dinâmicas relacionadas com as AV e para as quais foram utilizados materiais reutilizados.

A entrevista realizada à educadora possibilitou uma visão geral das atitudes, metodologias e dos resultados das atividades, por parte da investigadora. Nesta, foi feita referência a atividades, contempladas ou não no Plano de Ação, fazendo, assim, uma breve análise e apreciação destas.

No decorrer da entrevista, a educadora cooperante, fez referência a atitudes que as crianças têm e que remetem para as questões do ambiente e a reutilização de certos recursos naturais como a água. Com esta observação, podemos afirmar que houve uma alteração na mentalidade das crianças no que respeita às questões ambientais e de preservação do ambiente, que demonstram um desenvolvimento ao nível da consciência sustentável (“Educação para o desenvolvimento sustentável”, Comissão Nacional da Unesco).

Na realização das atividades, as crianças foram desafiadas a utilizarem materiais reutilizados, permitindo que fossem promovidas noções de reciclagem, utilizando-os para fins artísticos (Hrebynyuk, 2010).

A criatividade das crianças foi um aspeto trabalhado nas várias atividades, pois integravam-se no domínio da educação artística, no subdomínio das Artes Visuais (OCEPE,2016). Nos diversos trabalhos realizados pelas crianças, foi clara a individualidade e a criatividade de cada uma, pois as suas interpretações foram muito diversas entre si.

### **3.4. Plano de ação**

O plano de ação foi concebido tendo em mente o tema da investigação, mas de igual modo as necessidades observadas do grupo. Para as atividades, contempladas ou não neste, a investigadora tentou restringir-se ao uso de materiais recicláveis, criando jogos e dinâmicas que promovessem o trabalho com estes. O grupo com quem estas dinâmicas foram realizadas, já possuía algumas noções sobre o que era reciclagem, que foram aproveitados para que a investigadora concebesse atividades interativas, interligando-os a atividades de carácter artístico.

As atividades realizadas incidiram nas seguintes áreas de conteúdo: Formação Pessoal e Social; Expressão e Comunicação – tendo sido trabalhados conteúdos do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Educação Artística e da Matemática, no subdomínio da geometria e medida; e do Conhecimento do Mundo, mais concretamente no domínio da Introdução à Metodologia Científica e da Abordagem às Ciências, subdomínio do Conhecimento do Mundo Físico e Natural.

Cada uma das atividades tinha os respetivos objetivos, como o desenvolvimento da criatividade, da motricidade, da memória, da atenção, audição, comunicação oral, conhecimento do mundo, e a estimulação do pensamento crítico.

Esta investigação foi realizada apenas com o grupo de crianças do contexto de PES III, o que possibilitou um acompanhamento contínuo, por parte da investigadora, do desenvolvimento dos conceitos trabalhados nos dois regimes (presencial e online) em que as atividades foram feitas.

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

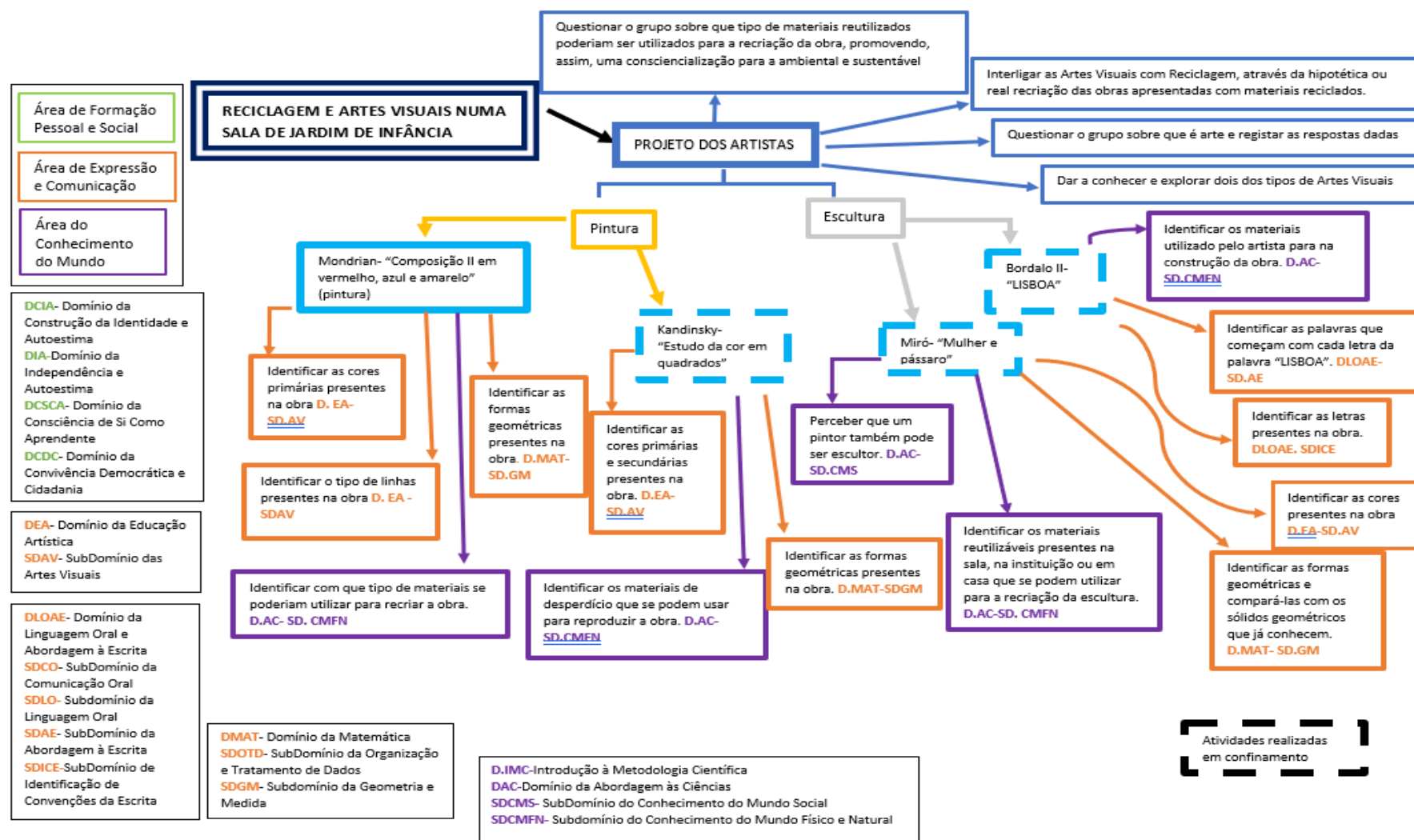


Figura 6- Plano de Ação

### **3.4.1. Justificação do plano de ação e intencionalidade pedagógica**

O tema da presente investigação diz respeito a duas áreas que se conjugaram, a de Expressão e Comunicação, nomeadamente no domínio da Educação Artística, subdomínio das Artes Visuais e da área do Conhecimento do Mundo, domínio da Abordagem às Ciências, subdomínio do Conhecimento do Mundo Físico e Natural. Ao longo da prática a investigadora fez uma observação participante do grupo, planificou segundo as suas necessidades, executou as atividades, refletindo e avaliando a sua postura.

Ao longo do período de observação, participante, a investigadora foi-se envolvendo nas rotinas do grupo e criando relações afetivas com estas. Neste período, a investigadora elaborou a questão e os objetivos de investigação. As crianças já possuíam algumas noções prévias sobre reciclagem e arte, a partir das quais foram elaboradas atividades.

As crianças quando questionadas sobre o que era a reciclagem disseram o seguinte:

- É reciclar o lixo (menino G.).
- Podemos usar o lixo para fazer coisas (menina M.).
- As pessoas deixam o lixo ir para o mar e os peixinhos comem (menina RI.).
- Roda dos alimentos porque as imagens foram cortadas de folhetos de supermercado que iam para o lixo (menina M.)

Quando questionadas sobre o que era reciclar, apenas uma menina respondeu dizendo o seguinte:

- Eu ontem fiz uma reciclagem porque dei as roupas que não me serviam aos pobrezinhos, pus no contentor da roupa grande (menina R.).

Na sala existem objetos reciclado (copos para as canetas, as mesas, a cadeira das águas, entre outros), que possibilitam a criança de interiorizar que estes, mesmo não podendo ser colocados nos contentores da reciclagem, também podem ser reaproveitados.

Quando questionadas sobre o que para elas era arte, as crianças responderam da seguinte maneira:

- É pintura (menina L.)
- Escultura (menino N.)
- Cortador (menina R.)
- Cenário (menino V.)

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

- Fotografia (menina R.)
- Pintura (menino RO)

Todas as respostas dadas, sobre a reciclagem e arte, demonstram um certo conhecimento acerca destes.

Os objetivos que foram delineados para este contexto foram:

- Interligar as Artes Visuais com a Reciclagem;
- Dar a conhecer dois tipos de Artes Visuais, pintura e escultura;
- Recriar, com recurso a materiais reutilizados, das obras de arte apresentadas.

As atividades foram concebidas para todo o grupo que, devido ao COVID-19, foram definidos como participantes no estudo. Estas tinham como principal foco o trabalho das Artes Visuais em simultâneo com a Reciclagem, indo ao encontro das linhas orientadoras da prática educativa da investigadora.

Todas as atividades iam ao encontro dos interesses que o grupo havia demonstrado perante qualquer tema, fosse ele ou não relacionado diretamente com o tema a investigar.

### 3.4.2. Calendarização das atividades do Plano de Ação

Tabela 9- Calendarização do Plano de Ação

Atividade	Data	Objetivos
Mondrian	07/01/2021	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer diferentes demonstrações de arte;</li><li>• Identificar as formas geométricas e cores presentes na obra;</li><li>• Trabalhar as noções de igualdade através da reprodução da obra;</li><li>• Perceber que tipos de materiais se podem utilizar na reprodução da obra.</li></ul>
Kandinsky	11/02/2021	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer a pintura;</li><li>• Desenvolver a consciência ambiental através do questionamento;</li><li>• Reutilizar materiais para a recriação livre da obra;</li></ul>

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<ul style="list-style-type: none"><li>• Trabalhar a aproximação da obra com a recriação;</li><li>• Perceber quais as formas geométricas presentes na obra;</li><li>• Perceber se as cores presentes na obra são primárias ou secundárias</li></ul>
Miró	18/02/2021	<ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer a escultura;</li><li>• Desenvolver a consciência ambiental através do questionamento;</li><li>• Reutilizar materiais para a recriação livre da obra;</li><li>• Recriar a obra o mais fielmente possível ao original;</li><li>• Perceber quais as formas ou sólidos geométricas presentes na obra;</li><li>• Perceber se as cores presentes na obra são primárias ou secundárias.</li></ul>
Bordalo II	25/02/2021	<ul style="list-style-type: none"><li>• Associar cada letra da palavra “Lisboa” a uma palavra que as crianças conheçam e que comece por cada uma das letras;</li><li>• Trabalhar o reconhecimento de palavras começadas por uma certa letra;</li><li>• Conhecer um artista;</li><li>• Trabalhar a escrita.</li></ul>

## **Capítulo 4. Apresentação e Discussão de dados**

#### 4.1. Descrição, análise e síntese reflexiva das atividades implementados

Neste capítulo será feita a descrição, análise e síntese das atividades que foram implementadas em dois regimes, presencial e *online*.

Estas atividades disseram respeito a duas manifestações de artes visuais, espalhadas por quatro atividades, duas sobre pintura e duas sobre escultura

Antes do confinamento nacional, a investigadora tinha dado início ao projeto dos quatro artistas. Este projeto pretendia dar a conhecer às crianças o trabalho de dois pintores, Mondrian e Kandinsky, e dois escultores, Miró e Bordalo II, dando a conhecer estas duas formas de arte visual, tendo tido ajuda da educadora cooperante na escolha das obras.

##### 4.1.1. 1ª atividade- Mondrian

###### Aprendizagens a promover

- Conhecer um tipo de Arte Visual, a pintura;
- Identificar as cores primárias, pela observação e pela pintura;
- Identificar as formas geométricas;
- Motivar o sentido de prazer com objetos das Artes Visuais

###### Estratégias

- Ajudar a pensar sobre o que é a arte, motivando-os para intervir livremente, registando as suas opiniões;
- Dar a conhecer, com recurso às imagens do artista e da obra, fornecendo-lhes algumas informações simples;
- Mostrar a imagem do quadro e colocar questões, ao grupo, de modo a motivar o seu olhar;
- Dar espaço às intervenções deles;
- Focar a atenção das crianças às figuras geométricas e às linhas presentes na obra, procurando que elas, oralmente, descrevessem o que observaram.

###### Descrição da proposta educativa

A primeira atividade realizada disse respeito a um quadro de Mondrian (figura 7), que possibilitou o trabalho das formas geométricas, quadrado e retângulo, o tipo de linha, curva ou reta, e das cores primárias. A investigadora já tinha realizado uma atividade sobre as cores primárias e secundárias, previamente à realização desta, dando a

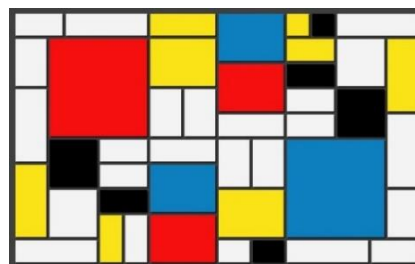


Figura 7- Composição II em Vermelho, Azul e Amarelo

conhecer as origens das cores que as crianças usam muito nas suas representações gráficas. Para a realização desta atividade, a investigadora levou para a sala uma imagem do artista e da obra. Esta iniciou-se com as perguntas “o que é arte?” e “o que é um artista?”, feitas ao grupo, registando as respostas das crianças.

As respostas das crianças, sobre a primeira questão, foram as seguintes:

- É pintura (menina L.)
- Escultura (menino N.)
- Cortador (menina R.)
- Cenário (menino V.)
- Fotografia (menina R.)
- Pintura (menino RO)

Respostas das crianças sobre a segunda pergunta, foram as seguintes:

- Pintores (menino DO.)
- Artistas (menina M.)
- Escrever/Escritor (menino N.)

Após a realização destas questões, a investigadora mostrou a imagem do artista e falou um pouco sobre ele e da imagem da obra, fazendo a análise destas, inquirindo o grupo sobre as cores presentes, assim como das formas geométricas. Como podemos observar na imagem da obra, esta possui duas formas geométricas, o quadrado e o retângulo, dois tipos de linhas retas na vertical e na horizontal e as cores, neste caso primárias (vermelho, azul e amarelo).

Um dos materiais levados pela investigadora para a realização desta atividade, foi a imagem da obra, mas sem as cores, sendo que cada cor foi numerada de um a quatro. Uma estratégia utilizada foi a da criação de quatro grupos e a atribuição de uma cor a cada um, com a distribuição de canetas de feltro, lápis de cor e de cera. Quando um grupo acabasse de pintar o local da sua cor era lhe dada outra cor, a troca destes materiais foi feita até que todos os elementos tivessem acabado de pintar a obra.

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

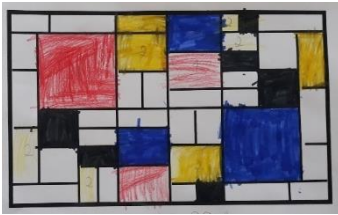


Figura 8-Trabalho da menina C.

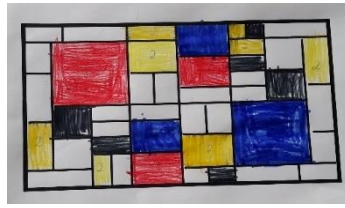


Figura 9- Trabalho do menino DI.

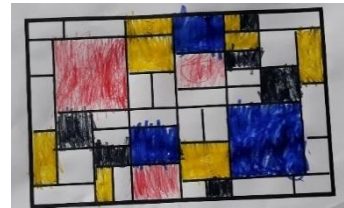


Figura 10-Trabalho do menino DO

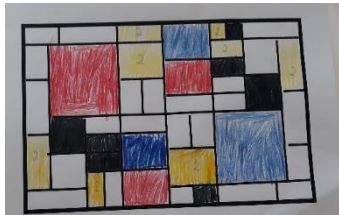


Figura 11- Trabalho do menino E.

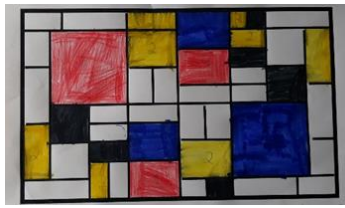


Figura 12- Trabalho do menino H.



Figura 13- Trabalho do menino J.

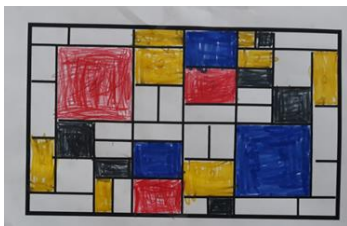


Figura 14- Trabalho da menina L.



Figura 15- Trabalho da menina M.

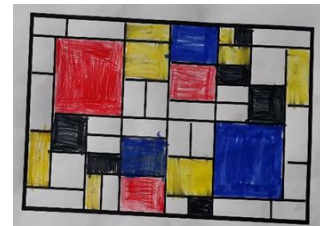


Figura 16- Trabalho da menina MA.

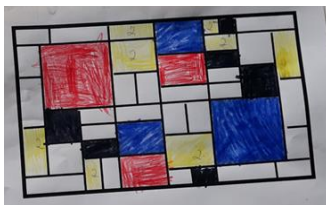


Figura 17- Trabalho do menino MT.



Figura 18- Trabalho do menino N.

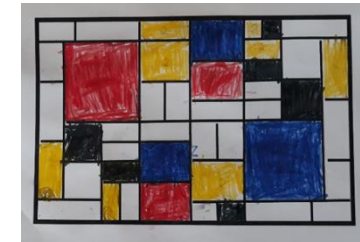


Figura 19- Trabalho da menina R.

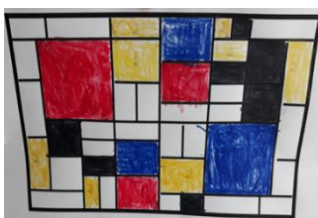


Figura 20-Trabalho do menino RO.



Figura 21- Trabalho do menino T.

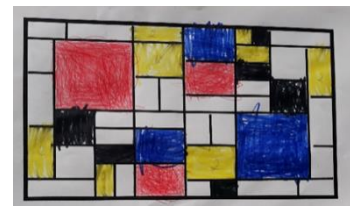


Figura 22- Trabalho do menino V.

No final da atividade, a investigadora perguntou a cada criança “Achas que foste artista?” e todas elas responderam que achavam que tinham sido. De facto, as crianças são, efetivamente, seres que criam. Esta ideia é defendida por Sully, referido por Read (2020), este autor afirma o seguinte sobre o primeiro

Sully aborda vários aspectos do espírito da criança e, quando trata da criança como artista, traça uma linha típica de desenvolvimento a partir dos desenhos escolhidos e faz uma primeira tentativa para relacionar este desenvolvimento com os «fenómenos da primitiva cultura de raça» (p.145)

Podemos então afirmar que as crianças e o trabalho artístico estão inatamente ligadas. No caso desta atividade não foram feitos desenhos, mas em situações prévias, períodos de atividades não orientadas a investigadora pode observar o desenvolvimento das capacidades pictóricas das crianças, podendo chegar à conclusão acima referida.

Devido à ausência da investigadora por razões de saúde, como referido, ao que se seguiu o estado de emergência, as restantes atividades foram feitas em regime online, sendo que para a sua realização foi estabelecida uma regra. Regra esta que consistia na utilização exclusiva de materiais reutilizáveis que as crianças tinham nos locais onde se encontravam, pois algumas não se encontravam nas respetivas residências. É de ter em conta que a realização destas atividades não foi obrigatória, visto que se teve em conta a disponibilidade dos pais, avós ou familiares que se encontravam a cuidar da criança.

As atividades propostas decorriam do seguinte modo: a investigadora enviava às crianças as imagens das obras que se pretendia serem recriadas segundo o critério e sensibilidade de cada criança, com a utilização exclusiva de materiais recicláveis. A tarefa era proposta à quinta-feira e pedia-se aos cuidadores que caso fossem realizadas que enviassem à educadora uma fotografia do produto final até à segunda-feira seguinte. De uma maneira geral, as crianças mostravam-se interessadas na realização destas e quando, na quinta-feira seguinte, eram elogiadas pela investigadora, ficavam contentes e tinham vontade de mostrar a todo o grupo o que tinham feito.

As três atividades lançadas – em regime online, sobre o pintor Kandinsky e os escultores Miró e Bordalo II – ao grupo tinham dois objetivos em comum: a identificação de materiais reutilizáveis que se pudessem utilizar para a recriação das obras.

A atividade de Kandinsky e de Miró tinham dois objetivos em comum: a identificação das cores primárias e secundárias presentes na obra; e identificar as formas geométricas presentes na obra (primeira atividade) e compará-la com os sólidos geométricos que já conhecem (segunda atividade).

#### 4.1.2. 2ª Atividade- Kandinsky

##### Aprendizagens a promover

- Conhecer um tipo de Arte Visual, a pintura;
- Identificar as cores primárias, pela observação e pela pintura;
- Identificar as formas geométricas;
- Recriar, de forma aproximada – não fazendo uma cópia, mas respondendo a um desafio a partir do seu olhar e sensibilidade – da obra, com materiais reutilizados.

##### Estratégias

- Mostrar uma imagem do artista, dando uma contextualização breve da sua vida;
- Mostrar uma imagem da obra e questionar as crianças sobre as cores e formas presentes nesta;
- Pedir às crianças e aos cuidadores que recriassem, a obra, com materiais reutilizados.

##### Descrição da proposta educativa

A primeira atividade e o segundo artista que a investigadora trabalhou, em regime online, foi Kandinsky, com a sua obra intitulada de “estudo da cor em quadrados” (figura 23).

Como tinha sido feito na atividade do Mondrian, foi mostrada uma fotografia e foi feita uma pequena apresentação do artista. Após esta apresentação, foi mostrada a obra que iríamos

trabalhar, fazendo a análise desta, questionando o grupo sobre o que viam, as cores, as formas, assim como que tipos de materiais poderiam utilizar para recriar a obra.

Como foi acima foi referido, foram os cuidadores que enviaram as fotografias dos produtos finais para a educadora e esta facultou-as à investigadora. As fotografias são as seguintes:



Figura 23- Estudo da cor em quadrados



Figura 24- Menino A. a realizar a atividade.



Figura 25- Trabalho final do menino A.



Figura 26- Menino AN. a realizar a atividade.



Figura 27- Trabalho final da menina C.



Figura 28- Trabalho final da menina L.



Figura 29- Menino MT. a realizar a atividade



Figura 30-Trabalho final do menino MT.



Figura 31- Trabalho final do menino T.

Como podemos observar, relativamente aos trabalhos sobre o quadro de Kandinsky, de uma forma geral os que realizaram a atividade cumpriram a regra que foi estabelecida. Em cada um destes trabalhos conseguimos perceber a individualidade de cada criança, mesmo havendo crianças como o menino AN. e a menina L. que utilizaram tampas de garrafas para fazer o centro dos círculos, continuam a ter um toque próprio de cada uma. É curioso o facto de com a mesma imagem, da obra, as interpretações e recriações terem sido tão singulares, que correspondem a experiências de vida e acesso a materiais distintos.

### 4.1.3. 3ª Atividade - Miró

#### Aprendizagens a promover

- Conhecer um tipo de Arte Visual, a escultura;
- Identificar as cores presentes na obra;
- Identificar as formas geométricas;
- Recriar, de forma aproximada – não fazendo uma cópia, mas respondendo a um desafio a partir do seu olhar e sensibilidade – da obra, com materiais reutilizados.

#### Estratégias

- Mostrar uma imagem do artista, dando uma contextualização breve da sua vida;
- Mostrar uma imagem da obra e questionar as crianças sobre as cores e formas presentes nesta;
- Pedir às crianças e aos cuidadores que recriassem, a obra, com materiais reutilizados.

#### Descrição da proposta educativa

A terceira e segunda atividade realizada em regime online foi a do escultor e pintor Miró, sendo que para esta o foco não foi tanto nas suas pinturas, mas sim numa das suas esculturas. Escultura esta com o nome “Mulher e Pássaro” (figura 32).

Um dos objetivos desta atividade, para além dos acima referidos foi a de perceberem que um pintor também pode ser escultor.

Como nas atividades previamente referidas, nesta também foi feita uma apresentação do artista e da obra, assim como a sua análise, questionando o grupo sobre o que era escultura, dando

uma pequena explicação, assim como o questionamento de que tipo de materiais poderíamos utilizar e se ao utilizarmos esses materiais estaríamos a ajudar o ambiente.

As crianças realizaram a proposta feita e os resultados foram os seguintes:



Figura 32- Mulher e o Pássaro.

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância



Figura 33- Trabalho final do menino AN.



Figura 34- Trabalho final da menina C.



Figura 35- Trabalho final do menino DI.



Figura 36- Trabalho final do menino DO.



Figura 37- Trabalho final do menino G.



Figura 38- Trabalho final da menina MA.



Figura 39- Trabalho final do menino MT.

Como podemos observar, todas as crianças respeitaram as regras propostas. As interpretações que cada criança fez da escultura, apresentada, foram verdadeiramente singulares, quer nos materiais utilizados, quer no olhar, muito particular, que cada uma deixou expressa na peça que criou.

#### **4.1.4. 4ª Atividade - Bordalo II**

##### Aprendizagens a promover

- Conhecer um tipo de Arte Visual, a escultura;
- Identificar as cores presentes na obra;
- Identificar as formas geométricas;
- Recriar, de forma aproximada – não fazendo uma cópia, mas respondendo a um desafio a partir do seu olhar e sensibilidade – da obra, com materiais reutilizados.

##### Estratégias

- Mostrar uma imagem do artista, dando uma contextualização breve da sua vida;
- Mostrar uma imagem da obra e questionar as crianças sobre as cores e formas presentes nesta;
- Pedir às crianças e aos cuidadores que recriassem, a obra, com materiais reutilizados

##### Descrição da proposta educativa

A quarta e terceira atividade, no regime previamente referido, foi a do escultor Bordalo II e teve como objetivos: identificação das letras da palavra “LISBOA”; e identificação de palavras que começassem com cada letra da palavra “LISBOA”.

A escultura escolhida para esta atividade foi a intitulada de “LISBOA” (figura 40) e que por um período de tempo se encontrou exposta à frente da estação do Cais do Sodré em Lisboa.

Para esta atividade a investigadora, para além de fazer os mesmos procedimentos das atividades previamente relatadas, foram também mostradas imagens de outras esculturas que este artista fez (figuras 41 e 42).



Figura 40- Escultura “LISBOA”



Figura 41- Escultura “BURRO”



Figura 42- Escultura “ABELHA”

Quando a escultura (figura 40) foi apresentada ao grupo, este foi questionado sobre os materiais que o artista usou para construir a obra, neste caso utilizou contentores do lixo de várias cores e moldou-os de modo a formarem a palavra “Lisboa”. Foi também feita uma explicação do sítio geográfico onde este concelho se situa, dando pontos de referência conhecidos das crianças como o Jardim Zoológico, o Oceanário e o Museu Berardo ao qual o grupo visitou.

Para esta atividade não foi pedida a recriação três dimensões da escultura, mas sim um trabalho inspirado nesta com a colagem de materiais de desperdício ou cortes de revistas de modo a formar a palavra “LISBOA”. O resultado destes trabalhos demonstram, mais uma vez, a individualidade de cada um, assim como o olhar criativo e observador para algumas semelhanças entre uma imagem e uma letra. Os trabalhos realizados foram os seguintes:



Figura 43- Trabalho final do menino A.



Figura 44- Trabalho final do menino E.

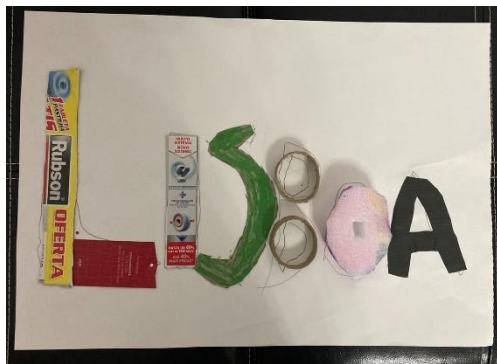


Figura 45- Trabalho final do menino G.



Figura 46- Trabalho final da menina MA.



Figura 47- Trabalho final do menino MT.



Figura- 48- Trabalho final da menina R.

Podemos inferir, através das fotografias destes trabalhos, que, de uma forma geral as crianças participaram nas atividades, mesmo que estas tenham sido propostas pela investigadora e não haver nenhuma obrigatoriedade na sua realização.

É de ter em conta que nestas atividades, à distância, perdemos um certo diálogo com as crianças acerca das suas escolhas e a razão pela qual escolheram certos materiais e não outros, assim como o acompanhamento na sua realização. Processo esse que fica na gestão

dos cuidadores, em casa ou nos locais onde as crianças se encontram. Por outro lado, assim se perde um momento de diálogo e de partilha que permite a tomada de consciência dos processos e de todo este processo, em grupo. Isto mesmo foi também objeto de análise e partilha entre a educadora cooperante e a investigadora, na entrevista realizada.

### Reflexão sobre as atividades realizadas

Ao longo da elaboração e implementação das atividades, a investigadora teve como ponto de partida a interligação das Artes Visuais com a Reciclagem, promovendo, conseqüentemente, o desenvolvimento da consciência sustentável e ambiental.

A interligação entre as AV e a Reciclagem foi feita através da definição de uma regra, a do uso exclusivo de materiais reutilizáveis, que foi cumprida pelas crianças e pelos cuidadores que participavam de forma positiva e interessada. Este interesse pôde ser visto na forma como elas queriam partilhar umas com as outras os seus trabalhos e pela disponibilidade que demonstraram para as realizar. Para além disso, havia o testemunho dos cuidadores que procuravam informar da atitude da criança ao longo dos dias em que desenvolviam o seu trabalho.

Das quatro atividades planeadas, apenas uma foi realizada presencialmente, sendo que as restantes foram feitas em regime online.

Na atividade realizada presencialmente, como em qualquer outra realizada em sala, o grupo participou de forma muito ativa. Para a sua realização, o grupo foi dividido em quatro pequenos grupos, cada um com uma cor do quadro associada. Com esta estratégia foi possível observar, por parte da investigadora, o espírito de ajuda mútua das crianças, ao partilharem os materiais e ao se alertarem para a pintura dentro das linhas.

As restantes três atividades foram realizadas online e a estratégia que foi adotada foi a de, primeiro, mostrar uma imagem do artista e da obra e falar sobre estes, e depois pedir que o grupo que a realizassem, sensibilizando-as para a sua importância para a investigação, que se estava a realizar.

A interligação entre os artistas, principalmente em regime online, foi feita através do questionamento das crianças acerca do artista que tinha sido introduzido na sessão anterior, fazendo com que a investigadora percebesse se as crianças tinham estado atentas ao que tinha sido feito e o interesse que tiveram nessa sessão e atividade.

Para a última atividade realizada, inicialmente, tinha sido contemplada uma estratégia diferente da que foi realizada, tendo assim havido uma reestruturação da sua planificação.

Com todas as atividades realizadas, a investigadora proporcionou ao grupo um contato com duas formas de arte, dando-lhes a conhecer quatro estilos artísticos diferentes. Podemos observar que entre a obra trabalhada de Mondrian, muito estruturada e definida, e a obra de Kandinsky, mais livre e com várias figuras circulares diferentes, houve, claramente, uma diferença na forma como os artistas realizaram os seus trabalhos, mesmo que ambos se insiram na mesma categoria de pintores.

Já entre a escultura de Miró, caracterizada pelo seu surrealismo e formas não consistentes com a forma humana e animal, e a obra de Bordalo II, que é mais colorida e mais relacionada com o reaproveitamento de materiais, havendo, assim, uma demonstração artística completamente diferente, mesmo que ambos façam parte do mesmo ramo artístico.

#### 4.2. Apresentação dos resultados da entrevista

Tabela 10- Análise da entrevista à educadora cooperante

N.º	Categoria	Questão	Resposta	Análise
1	Educação Ambiental	B4	Eu para mim isso não é só uma questão de benefício, é uma questão de educação, faz parte. Faz parte, como nós ensinamos tanta coisa às nossas crianças, para mim isso devia já vir incluído na questão da educação e das questões essenciais que nós devemos passar às crianças e não só às crianças, mas também aos adultos no dia a dia e isso tudo vem de uma prática, não é. Também sou mãe e além de ser educadora e isso sempre foi uma coisa que passei aos meus filhos, a questão de, por exemplo, o lavar os dentes com escovas de bambú ou pasta de dentes ser pastas que não venham em embalagem que depois não possa ser reaproveitada, portanto tenho sempre esse cuidado e isso para mim faz-me sentido sempre ser desde cedo.	<p>Davis (1998) afirma que</p> <p>(...), in spite of there being little intersection between early childhood education and environmental education, these two fields are indeed ‘natural’ allies. They share similar philosophical orientations and endorse similar educational practices. (...), early childhood education and environmental education are in accord. (...) Both fields place integrated curriculum approaches as central, with practical and relevant experiences for learners as most appropriate. (p.148)</p> <p>Quer isto dizer, que a educação pré-escolar e a educação ambiental se interligam, sendo que estas adotam práticas educacionais semelhantes visto que ambas tem uma abordagem que integra as aprendizagens e as experiências relevantes que sejam mais apropriadas ao público-alvo.</p>
2	Educação Artística	C1	Portanto, as crianças, no meu ver, todas elas são seres criadores, não é. As crianças quando entram na escola, seja numa creche, seja num pré-escolar, já têm aqui	A educadora dá liberdade para que o grupo possa criar como e o que quiserem, no entanto, por

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			<p>alguma ideia dos objetos pré-concebidos. Agora estou ali a olhar para a folha e estou-me a lembrar, estamos num projeto da flor, do projeto da planta, da Primavera, estamos aqui nesta área da Natureza, quer dizer, eles desenharam uma flor mas eu não lhes disse como é que era a flor que eles tinham que desenhar e no entanto todos eles souberam desenhar bem uma flor. Portanto como é que entra aqui a educação artística, no meu entender e na forma como eu trabalho, dou-lhes a liberdade de quando eu peço para desenharem uma flor, cada um desenha a flor da maneira que quer, pronto. Eles têm modelos, porque tem os modelos dos livros, têm os modelos das histórias que eu vou apresentando, do uso do computador, têm o modelo da sociedade, do que dá na televisão, têm o modelo dos objetos da sala, mas tento ao máximo que não lhes tirar a criatividade. De qualquer modo a educação artística também pode ter regras e pode ter condicionantes que eles devem cumprir se for esse o objetivo da atividade.</p>	<p>vezes, esta dá alguns modelos para a realização de um certo trabalho, nunca impondo a sua opinião. Relativamente ao trabalho da criatividade, Brito (2019) refere que “a estimulação da criatividade no processo de ensino-aprendizagem, deve ser potenciada pela criação de oportunidades, (...), que envolvam ativamente as crianças” (p.33), nas respostas dadas pela educadora nesta categoria (em apêndice), podemos concluir que esta não se impõe nos trabalhos das crianças, mesmo expondo opções ou modelos para uma certa atividade.</p>
3	Reciclagem	D1/D2	<p>Sim, nos meus grupos anteriores normalmente crio sempre se não existir em sala os ecopontos, para mim</p>	<p>As respostas dadas pela educadora sobre a reciclagem, mais especificamente da valorização</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			<p>começa tudo um bocadinho, não é só aí que começa mas é muito importante o lixo que é produzido em sala, o lixo que é feito em sala, eles saberem o fim para onde ele deve ir. Este, por exemplo, foi a primeira vez que construí o caixote do lixo orgânico, normalmente não construía e este ano fez-me sentido construir, porque a fruta da manhã é descascada aqui (sala), nós próprios, adultos, às vezes comemos e há restos de comida, portanto ou as migalhas da mesa, pronto, vai sempre para o lixo orgânico. Faz-me sempre sentido esta questão da reciclagem e começo normalmente pelos caixotes do lixo. De resto, a nível de todas as atividades que eu tento criar, tento sempre aproveitar materiais, reutilizar e dar uma segunda vida aos materiais e que as atividades que eles façam tenham sempre isso como premissa.</p>	<p>do seu processo, dada por esta demonstram que há um trabalho inicial desta valência feito através da introdução de um caixote, não só de lixo orgânico, mas também destinados ao papel e, neste caso, plástico.</p>
4	Práticas da Educadora Cooperante	B1	<p>No meu entender, nesta faixa etária que nos encontramos, dos 5 anos, o que é...eu posso...o que eu entendo por educação ambiental e aquilo que lhes tento ao máximo passar é a preservação do Planeta. Portanto vamos preservar, vamos poupar recursos,</p>	<p>A entrevistada afirma que a educação ambiental e aquilo que tenta transmitir aos seus alunos é a preservação do Planeta, através da poupança de recursos e consciencializá-los para a adoção de atitudes corretos neste sentido</p>

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>vamos cada vez mais consciencializar as crianças, neste caso o grupo, e pensar que todos os nossos atos são decisivos para uma adoção de comportamentos corretos ou menos incorretos.</p> <p>Eu enquanto, adulto, é um tema que me sensibiliza muito. É um tema que me diz muito, porque na minha vida pessoal tenho muitos cuidados com a poupança de recursos e com hábitos com os quais eu comecei-me a aperceber e pude fazer aqui algum estudo por minha conta que poderia melhorar e implementei isso em família, portanto no meu ambiente e não me faz sentido adotar em casa esses hábitos e depois não os fazer refletir na escola. Claro que, às vezes há aqui algumas limitações no espaço escolar que não dependem só de mim, não é e às vezes das diretrizes que nós temos impostas pelas tutelas, de qualquer modo tento fazer o meu melhor e cada vez mais consciencializar os grupos nas poupanças de recursos e nesta educação ambiental que hoje só se faz sentido não é eu falar na escola, é quando eu falo na escola depois também há esse</p>	
--	--	--	--

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		remeter para casa das crianças e também os pais com as crianças.	
	B1	<p>No meu entender, nesta faixa etária que nos encontramos, dos 5 anos, o que é...eu posso...o que eu entendo por educação ambiental e aquilo que lhes tento ao máximo passar é a preservação do Planeta. Portanto vamos preservar, vamos poupar recursos, vamos cada vez mais consciencializar as crianças, neste caso o grupo, e pensar que todos os nossos atos são decisivos para uma adoção de comportamentos corretos ou menos incorretos.</p> <p>Eu enquanto, adulto, é um tema que me sensibiliza muito. É um tema que me diz muito, porque na minha vida pessoal tenho muitos cuidados com a poupança de recursos e com hábitos com os quais eu comecei-me a aperceber e pude fazer aqui algum estudo por minha conta que poderia melhorar e implementei isso em família, portanto no meu ambiente e não me faz sentido adotar em casa esses hábitos e depois não os fazer refletir na escola. Claro que, às vezes há aqui algumas limitações no espaço escolar que não dependem só de</p>	<p>Nas práticas locais, é referido que é algo que já foi implementado em contexto familiar, através da adoção de comportamentos mais conscientes, no que respeita as escolhas conscientes sobre o que compra nos supermercados, evitando a compra de objetos, comida, etc., que não possam ser reutilizados fazendo com que a sua produção baixe</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			<p>mim, não é e às vezes das diretrizes que nós temos impostas pelas tutelas, de qualquer modo tento fazer o meu melhor e cada vez mais consciencializar os grupos nas poupanças de recursos e nesta educação ambiental que hoje só se faz sentido não é eu falar na escola, é quando eu falo na escola depois também há esse remeter para casa das crianças e também os pais com as crianças.</p>	
		B3	<p>Reciclar, para mim é dar vida a algo que supostamente poderia ter um fim de ir para o lixo. Portanto, eu, sei lá, abro uma lata de algum alimento, que eu possa usar e okay vai para o lixo, mas se calhar há situações em que essas podem ser reaproveitadas e habitualmente tento ao máximo fazer, mas para mim a reciclagem começa essencialmente e a questão da poupança desses bens...começa essencialmente no supermercado, quando eu compro evito já comprar muitas coisas que depois tem um fim precário, por exemplo, uma lata de atum, pode dar para uma atividade mas que eu em casa posso não a querer usar</p>	

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		ou não me faz sentido. Portanto há coisas que eu evito comprar já em latas, em embalagens, em pacotes, para então que essa produção também diminua a nível geral.	
	B2	Lá está, é aquilo que eu acabei um bocadinho de dizer. Portanto eu não me faz sentido eu ter cuidados com a educação ambiental para mim, eu valorizar a poupança de recursos e as questões da sustentabilidade, se eu depois faço isso pessoalmente, a título particular, mas se eu depois na prática não implemento no meu dia a dia, neste caso na minha prática profissional. Portanto nem me faz sentido quebrar essa ligação, isso tem de ser uma coisa...um fio condutor.	No que diz respeito à transferência das concepções que a educadora tem sobre a educação ambiental, esta diz que tem que haver um trabalho diário e contínuo, ou seja, não faz sentido a adoção de comportamentos que digam respeito a esta educação, num determinado contexto, quando ao sairmos deste não o mantemos
	B3	Reciclar, para mim é dar vida a algo que supostamente poderia ter um fim de ir para o lixo. Portanto, eu, sei lá, abro uma lata de algum alimento, que eu possa usar e okay vai para o lixo, mas se calhar há situações em que essas podem ser reaproveitadas e habitualmente tento ao máximo fazer, mas para mim a reciclagem começa essencialmente e a questão da poupança desses bens...começa essencialmente no supermercado,	A educadora concebe reciclagem como a atribuição de uma nova oportunidade a um determinado objeto

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			quando eu compro evito já comprar muitas coisas que depois tem um fim precário, por exemplo, uma lata de atum, pode dar para uma atividade mas que eu em casa posso não a querer usar ou não me faz sentido. Portanto há coisas que eu evito comprar já em latas, em embalagens, em pacotes, para então que essa produção também diminua a nível geral.	
	D1/D2	Sim, nos meus grupos anteriores normalmente crio sempre se não existir em sala os ecopontos, para mim começa tudo um bocadinho, não é só aí que começa mas é muito importante o lixo que é produzido em sala, o lixo que é feito em sala, eles saberem o fim para onde ele deve ir. Este, por exemplo, foi a primeira vez que construí o caixote do lixo orgânico, normalmente não construía e este ano fez-me sentido construir, porque a fruta da manhã é descascada aqui (sala), nós próprios, adultos, às vezes comemos e há restos de comida, portanto ou as migalhas da mesa, pronto, vai sempre para o lixo orgânico. Faz-me sempre sentido esta questão da reciclagem e começo normalmente pelos caixotes do lixo. De resto, a nível de todas as atividades	As práticas pedagógicas que a educadora adotou com grupos anteriores e no atual, no que diz respeito ao trabalho da reciclagem, e consequentemente, o trabalho da consciencialização da educação ambiental, fazendo com que as crianças conheçam o fim de um certo objeto	

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			que eu tento criar, tento sempre aproveitar materiais, reutilizar e dar uma segunda vida aos materiais e que as atividades que eles façam tenham sempre isso como premissa.	
5	Práticas da aluna estagiária/ investigadora	E1	No meu entender foi pertinente e foi, ou seja, acabou por dar porque a aluna quando chegou já estava aqui algumas questões implementadas da sustentabilidade, eles já o ano passado tinham estas noções, de qualquer forma, foi mais uma experiência, mais um mote a estar com alguém onde a premissa era essa, portanto era criarmos atividades e criarmos dinâmicas em que fosse respeitado essa questão da sustentabilidade. De qualquer forma, depois tivemos aqui um interregno do confinamento que não ajudou a conseguirmos promover de forma tão coerente como se calhar gostaríamos, as atividades, mas acho que as realizadas em sala tiveram sempre esse cuidado e essa pertinência.	Segundo a educadora cooperante, a investigadora teve alguma dificuldade, inicialmente, em conseguir envolver o grupo, mas que com a experiência e no decorrer do tempo este aspeto foi melhorado
		E3	Na abordagem à reciclagem, foi essencialmente agora com o confinamento que foram realizadas, não é, portanto foi aqui o paralelismo entre a sustentabilidade	No que correspondia às estratégias utilizadas pela investigadora, esta divide-se em gerais e na interligação da Educação Artística, subdomínio

### Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>e os artistas, o Miró, Bordalo II e Kandinsky, portanto estas atividades foram propostas em formato online. Tivemos o Mondrian, mas o Mondrian foi em sala. Estas propostas foi logo uma das condições que foi partilhada com o grupo e com as famílias, foi isso mesmo, que a construção ou o objeto final, o produto final fosse com materiais recicláveis, como era dado o exemplo. O inconveniente desta situação, quando é online, é que nós vemos o produto final e não nos apercebemos como é que é feito o processo e perde-se aqui um bocadinho do teor, mas pelo menos as crianças aderiram e acho que é uma coisa que eles têm sempre presente é podermos fazer as atividades com os materiais recicláveis e isso acho que foram coisas que foram ficando também da prática deles, não é, portanto o hábito que têm em sala.</p>	<p>das Artes Visuais com a reciclagem, a educadora refere que houve uma concordância entre a sustentabilidade e os artistas, estes eram apresentados com a sua imagem e com a imagem da obra pedindo às crianças que fizessem a sua recriação ou representação similar com materiais reciclados</p>
	E4	<p>Sim, normalmente a aluna, o que ela fazia era apresentar o autor, uma imagem do autor, apresentava sempre a obra desse autor e depois pedia às crianças para fazerem uma representação idêntica, usando sempre as características dos materiais recicláveis.</p>	

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>E5</p> <p>Sim, portanto, ou seja, fez-se aqui um paralelismo e uma ligação entre os artistas, que a aluna escolheu, e depois as obras destes serem sempre, por exemplo estou-me a lembrar do Bordalo II, é um artista plástico português, que habitualmente nas suas obras e nas suas construções usa sempre materiais recicláveis ou de desperdício. Portanto, e aqui o que foi partilhado com as crianças foi a imagem de uma dessas obras e que as crianças fizessem uma representação aproximada. Mondrian (referência a Kandinsky), a mesma coisa, portanto era as crianças usarem os materiais que tinham em casa e fazerem uma aproximação da obra do autor</p>	
		<p>E6</p> <p>O que a aluna utilizou de materiais reciclados, por exemplo estou aqui a lembrar-me da atividade da flutuação, flutua e não flutua, tentou-se usar alguns materiais que têm em casa e que partilhou aqui com o grupo e materiais conhecidos dele, mas agora não estou assim a ver outra atividade...foi a dos ecopontos, foi caixas que havia, que ela trouxe, a aluna trouxe e foram reutilizadas, mais uma vez. A do bingo também</p>	<p>Quando a educadora foi questionada sobre a prática pedagógica da investigadora, em específico nos materiais que esta utilizou nas atividades, assim como sobre alguns aspetos a melhorar futuramente, referiu que a literatura, poderia ser utilizada, de modo a que uma certa atividade possa ser levada para vários caminhos.</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			<p>foi feito um bingo de letras, não é, um jogo de letras com caixas de ovos, portanto também materiais reciclados. Sim, a aluna normalmente quando pensava em construir uma atividade, tentava sempre que essa fosse uma condição essencial, pronto, a escolha dos materiais.</p>	
		F1	<p>Aqui a sugestão que eu posso, que eu acho que é sempre importante, é nós devemos sempre dar o nosso melhor e partilhar com o grupo aquilo que nós achamos que é o melhor, apesar de às vezes poder não ser. Acho que quando, como é o caso da Teresa, que são mais introvertida e que às vezes fica insegura, acho que, por exemplo, as histórias, no meu entender, é um ponto de partida para partir para algo e isso acho que era uma coisa que podia ter sido aproveitada ao longo deste período de estágio. Por exemplo, se vamos falar do flutua ou não flutua, um exemplo, então se calhar aqui o que é melhor aproveitar é então vou recorrer a uma história que fale na água que é para depois partir para o tema seguinte, pronto e acho que às vezes aí podias-te (estagiária) ter munido das histórias e dar exemplos</p>	

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>mais práticos para ser mais fácil chegar a algum objetivo com o grupo. Acho que as histórias podem uma estratégia utilizada por ti (estagiária) para te sentires mais segura e confiante. Eles às vezes nós queremos levar a atividade para um caminho e com a história levamos para dois ou três, e percebeste-te isso (estagiária), quando, no período online, que eu (educadora) contava a história e depois vias que dava sempre para pegar várias coisas. Com uma história, a história dá-nos para uma margem muito grande para levar o nosso objetivo da atividade para vários sítios.</p>	
	E1	<p>No meu entender foi pertinente e foi, ou seja, acabou por dar porque a aluna quando chegou já estava aqui algumas questões implementadas da sustentabilidade, eles já o ano passado tinham estas noções, de qualquer forma, foi mais uma experiência, mais um mote a estar com alguém onde a premissa era essa, portanto era criarmos atividades e criarmos dinâmicas em que fosse respeitado essa questão da sustentabilidade. De qualquer forma, depois tivemos aqui um interregno do confinamento que não ajudou a conseguirmos</p>	<p>Relativamente à adoção de práticas educativas que promovessem a sustentabilidade, a educadora cooperante referiu que o grupo já possuía algumas noções sobre este tópico, pois no ano anterior já tinham sido introduzidas.</p> <p>A educadora referiu que a presença de alguém que pretendia realizar atividades neste sentido foi algo que foi dar ao grupo uma outra abordagem à sua abordagem. Esta refere, também, que devido ao estado de emergência que causou uma interrupção</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			promover de forma tão coerente como se calhar gostaríamos, as atividades, mas acho que as realizadas em sala tiveram sempre esse cuidado e essa pertinência.	na implementação das atividades fazendo com que o trabalho não tivesse sido realizado de uma forma muito coerente.
6	Grupo	B1	<p>No meu entender, nesta faixa etária que nos encontramos, dos 5 anos, o que é...eu posso...o que eu entendo por educação ambiental e aquilo que lhes tento ao máximo passar é a preservação do Planeta. Portanto vamos preservar, vamos poupar recursos, vamos cada vez mais consciencializar as crianças, neste caso o grupo, e pensar que todos os nossos atos são decisivos para uma adoção de comportamentos corretos ou menos incorretos.</p> <p>Eu enquanto, adulto, é um tema que me sensibiliza muito. É um tema que me diz muito, porque na minha vida pessoal tenho muitos cuidados com a poupança de recursos e com hábitos com os quais eu comecei-me a aperceber e pude fazer aqui algum estudo por minha conta que poderia melhorar e implementei isso em família, portanto no meu ambiente e não me faz sentido adotar em casa esses hábitos e depois não os fazer refletir na escola. Claro que, às vezes há aqui algumas</p>	<p>O trabalho de sensibilização das crianças para a EA e através destas para as famílias feito pela educadora, tem consistido no processo de consciencializá-las para a utilização dos recursos, afirmando que é importante que esta consciencialização e sensibilização seja significativa de modo a haver uma passagem, por parte dos elementos do grupo, aos pais/famílias</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>limitações no espaço escolar que não dependem só de mim, não é e às vezes das diretrizes que nós temos impostas pelas tutelas, de qualquer modo tento fazer o meu melhor e cada vez mais consciencializar os grupos nas poupanças de recursos e nesta educação ambiental que hoje só se faz sentido não é eu falar na escola, é quando eu falo na escola depois também há esse remeter para casa das crianças e também os pais com as crianças.</p>	
	C2	<p>No meu entender, nesta faixa etária que nos encontramos, dos 5 anos, o que é...eu posso...o que eu entendo por educação ambiental e aquilo que lhes tento ao máximo passar é a preservação do Planeta. Portanto vamos preservar, vamos poupar recursos, vamos cada vez mais consciencializar as crianças, neste caso o grupo, e pensar que todos os nossos atos são decisivos para uma adoção de comportamentos corretos ou menos incorretos.</p> <p>Eu enquanto, adulto, é um tema que me sensibiliza muito. É um tema que me diz muito, porque na minha vida pessoal tenho muitos cuidados com a poupança</p>	<p>Segundo a educadora, para que as interpretações das criações das crianças como formas de arte, é importante que serem dadas várias opções de modo a poderem criar livremente.</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>de recursos e com hábitos com os quais eu comecei-me a aperceber e pude fazer aqui algum estudo por minha conta que poderia melhorar e implementei isso em família, portanto no meu ambiente e não me faz sentido adotar em casa esses hábitos e depois não os fazer refletir na escola. Claro que, às vezes há aqui algumas limitações no espaço escolar que não dependem só de mim, não é e às vezes das diretrizes que nós temos impostas pelas tutelas, de qualquer modo tento fazer o meu melhor e cada vez mais consciencializar os grupos nas poupanças de recursos e nesta educação ambiental que hoje só se faz sentido não é eu falar na escola, é quando eu falo na escola depois também há esse remeter para casa das crianças e também os pais com as crianças.</p>	
	D4	<p>Eu acho que trazem benefícios se eles forem utilizados como um fim para poder promover a criatividade das crianças e também como um fim de evitar o desperdício desse objeto como indo logo para o lixo nesse momento.</p>	<p>A educadora afirma a reciclagem contribui para o desenvolvimento da criatividade das crianças e aprender a reutilizar os materiais desde visem a promoção da criatividade daquelas, assim como fazendo com que estes não tenham apenas um destino.</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>D5</p> <p>Sim, por exemplo, eles às vezes...tento sempre quando lhes promovo e pergunto-lhes sempre a eles “então que materiais acham que podemos usar? O que é que podemos ir aproveitar? O que acham que podemos ir buscar?”. Tento, também, passar um bocadinho a hipótese da escolha do material para eles e também que eles tenham essa liberdade, claro, se um disser “podemos ir buscar cartolina”, eu não vou dizer que não, não podemos usar cartolina porque não é reciclável ou reutilizável e apesar de até isso ser porque eu guardo sempre os restinhos das cartolinas e tenho sempre forma de os usar. Tento sempre passar essa e envolve-los nesse processo de escolha. Um exemplo, o que é que construímos? Por exemplo, agora estou aqui a pensar, o dia do pai. No dia do pai, foi construído com umas madeiras que nós tínhamos ali, um bocadinho encostadas e que já tinham sido usadas, algumas, as outras não, reaproveitámos e construí uma moldura para colocar uma quadra e um desenho das crianças, usei também, para decorar, porque as madeiras já estavam um bocadinho estragadas, para além de as ter</p>	<p>As crianças quando são implicadas na escolha dos materiais, neste caso reutilizados, eram questionadas pela educadora de modo a envolvê-las e dando a conhecer de que tem voz na escolha dos materiais</p>
--	--	---	---

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			<p>pintado, usei também recortes de jornal para aproveitar para as madeiras ficarem com um brilho diferente. Na prenda, por exemplo, do Natal, também era umas madeirinhas, uns paus de hospital (abaixador de língua ou cataglossos) que tínhamos ali já de algum tempo, que reaproveitámos e criamos isso. Portanto tento sempre usar o que tenho em sala.</p>	
		E2	<p>Sim, promoveram, às vezes havia alguma dificuldade da aluna estagiária ao início de conseguir agarrar o grupo e conseguir captar a atenção deles. Acho que, essencialmente, às vezes pela forma de expor aquilo que queria e de passar a mensagem, mas acho que essa situação foi melhorada com o tempo e com a experiência, essa situação e com o grupo normalmente envolvia-se, apesar de ser um grupo um bocadinho grande, às vezes é necessário criarmos pequenos grupos.</p>	<p>O envolvimento do grupo nas atividades propostas era algo normal, mesmo que para que todas as crianças participarem terem de ser adotadas estratégias, nomeadamente a criação de pequenos grupos.</p>
		E7	<p>É assim, por exemplo eu noto que eles quando vão há casa de banho já há muito aquela chamada de atenção uns para os outros “não tires tanto papel”, “não precisas de tirar duas folhas, uma chega”. Noto a questão da torneira, seja quando vão lavar as mãos, seja quando</p>	<p>As aprendizagens das crianças no que concerne a EA e a sustentabilidade, podem ser vistas através das chamadas de atenção que fazem uns aos outros, relativamente a vários recursos.</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			vão encher as garrafas de água, quando é no dia a seguir pedem sempre para aproveitar a água, agora por exemplo, hoje já não pediram para aproveitar as águas de ontem para as flores. Os papeis no chão. Noto aqui algum cuidado nalgumas questões, por exemplo, até a questão de na parte alimentar, não desperdiçar comida, não deixar comida no prato. Às vezes não só materiais recicláveis, mas também o desperdício doutros bens essenciais.	
7	Situação da realização das atividades	E3	Na abordagem à reciclagem, foi essencialmente agora com o confinamento que foram realizadas, não é, portanto foi aqui o paralelismo entre a sustentabilidade e os artistas, o Miró, Bordalo II e Kandinsky, portanto estas atividades foram propostas em formato online. Tivemos o Mondrian, mas o Mondrian foi em sala. Estas propostas foi logo uma das condições que foi partilhada com o grupo e com as famílias, foi isso mesmo, que a construção ou o objeto final, o produto final fosse com materiais recicláveis, como era dado o exemplo. O inconveniente desta situação, quando é online, é que nós vemos o produto final e não nos apercebemos como é	A três das quatro atividades contempladas no projeto dos artistas foram realizadas em período de estado de emergência, sendo trabalhados o segundo pintor, Kandinsky, e os dois escultores, Miró e Bordalo II.

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

			<p>que é feito o processo e perde-se aqui um bocadinho do teor, mas pelo menos as crianças aderiram e acho que é uma coisa que eles têm sempre presente é podermos fazer as atividades com os materiais recicláveis e isso acho que foram coisas que foram ficando também da prática deles, não é, portanto o hábito que têm em sala.</p>	
--	--	--	---	--

## **Capítulo 5. Conclusão**

Para esta investigação foi elaborada uma questão e os seus objetivos. No decorrer da prática da investigadora estes estiveram na base das atividades propostas e realizadas.

Os objetivos de investigação foram os seguintes: (i) Promover momentos educativos, com o grupo, que ajudem no desenvolvimento da consciência ambiental; (ii) Desenvolver, com recurso das artes visuais, a preocupação pelo cuidado do planeta; e (ii) Desenvolver a criatividade promovendo o reuso de materiais.

Todos os momentos de atividade foram promotores do desenvolvimento da consciência ambiental pois, indiretamente, através dos materiais que eram utilizados para a sua realização, esta foi-se desenvolvendo, até porque, de uma forma geral, o grupo já tinha algumas preconcepções sobre a reciclagem, que foi um dos focos desta investigação.

As atividades que promoveram a preocupação pelo cuidado do planeta e o reuso de materiais, foram as que acabaram por ser realizadas *online*, tendo, inicialmente, havido uma conversa sobre as vantagens de “ressuscitar” um objeto, que tinha como ponto final o lixo, e utilizá-lo para outro propósito.

Em todas as atividades propostas, o grupo mostrou-se bastante entusiasmado e curioso, podendo isto ser observado, por exemplo, com o facto de se lembrarem, na sessão de atividades seguinte, do artista que foi trabalhado.

### Implicações

Sarmento (2012), diz o seguinte sobre a identidade profissional

A identidade profissional é o resultado, simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização, que simultaneamente constrói os indivíduos e define as instituições. (...) O processo de construção da identidade profissional docente é interligado ao estatuto de profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sociopolítico em que se desenrola. (pp.19-20 e 21)

Esta identidade é, portanto, desenvolvida através do contacto com outras pessoas, sejam estas pertencentes ao mesmo grupo profissional ou não, o que possibilita uma abordagem à docência mais abrangente.

Ao longo do período de estágio, PES III, a investigadora pôde contactar com uma nova perspectiva de educar, que deixa as crianças terem voz, opinião e vontade própria, nunca

deixando de ter em mente que, por vezes, temos que ensinar e trabalhar conceitos que lhes são desconhecidos. Neste caso, o tema da reciclagem estava muito ligado à questão da sustentabilidade, assim como à reutilização de materiais, sendo que todas as atividades eram propostas e desenvolvidas à volta das capacidades que este tipo de materiais tinha. Este desenvolver da consciência para a sustentabilidade também se apoiou muito no trabalho das artes, fazendo com que esta se estivesse a expandir.

A investigadora, no contexto de PES III, mostrou-se sempre disponível para ajudar em tudo o que fosse preciso. Este foi o primeiro contato prolongado que a investigadora teve com um grupo destas idades, e ficou marcado pela ternura e entusiasmo demonstrado pelas crianças.

No que respeita às atividades, estas foram pensadas em conjunto com a educadora cooperante, possibilitando uma troca de ideias mais intencionada para o grupo, ou seja, uma planificação que fosse ao encontro não só das necessidades, mas também das capacidades das crianças.

As relações estabelecidas entre a investigadora e as crianças, era de carácter afetivo recíproco, o que fez com que a presença desta fosse prazerosa para ambos os elementos, assim como, a receptividade e a participação nas atividades ter sido muito positiva.

A prática desenvolvida em PES III, possibilitou não apenas outra forma de educar, mas também como este ato é feito com todas as crianças, mesmo com aquelas que têm mais dificuldade ou se mostram desinteressadas.

Esta prática marcou a investigadora, pela positiva, pois teve a oportunidade de estar com o grupo bastante interessado e a ser acompanhada por uma educadora cooperante que sempre se disponibilizou para a ajudar para o que fosse necessário.

Ao longo do estágio, a investigadora teve a hipótese de desenvolver uma investigação cujo tema lhe diz muito e perceber que todas as crianças, mesmo as com mais dificuldade se envolveram e participaram de forma agradável.

É importante referir que devido ao estado de emergência pelo qual o país passou, a maioria das atividades do projeto que a investigadora implementou, foram realizadas em regime *online*, o que teve os seus pontos negativos e positivos, a realização dos trabalhos não poder ter sido acompanhada e a participação das crianças nestas, respetivamente. Para este regime houve alterações no que dizia respeito às propostas feitas, como eram feitas, dando apenas conhecimento aos cuidadores que seria de grande importância que estas fossem realizadas.

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

Tendo esta sido a última prática pedagógica da investigadora e, por esta ter tido a oportunidade de a poder ter feito com uma equipa de profissionais e um grupo de crianças extraordinário, vai deixar saudades e vai sempre ser visto como um momento muito marcante na vida profissional da investigadora.

## **Referências Bibliográficas**

A

Agostinho, A. (2015). *O contributo do Estudo do Meio para uma abordagem integrada do currículo no 1ª Ciclo do Ensino Básico*. Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada. Instituto Superior de Educação e Ciências.

[https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8689/1/Dissertaa%C3%A7%C3%A3o](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8689/1/Dissertaa%C3%A7%C3%A3o%20mestrado%20final%20Ana%20Margarida%20Agostinho.pdf)  
mestrado final Ana Margarida Agostinho.pdf

Albuquerque, M. (2009). *Educação pré-escolar em Portugal e Cabo Verde: Estudo comparado*. Mestrado em Ciências da Educação. Departamento de Ciências da Educação. Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1063/1/2010000492.pdf>

Almeida, S. (2016) A importância da Educação Ambiental voltada para a questão da reciclagem do lixo no 1º Ciclo do Ensino Básico. Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Escola Superior de Educação de Santa Maria. Instituto Superior Politécnico de Gaya.

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/19751/1/TESE%20SORAIA%201.pdf>

Ausubel, D. (2000). The acquisition and retention of knowledge: A cognitive view. *In Springer Science + Business Media Dordrecht 2000, pp.67-100*

B

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994) *Investigação qualitativa em educação*. Editora: Porto Editora

C

Câmara, A., Proença, A., Teixeira, F., Freitas, H., Isabel, H., Vieira, I., Pinto, J., Soares, L., Gomes, M., Gomes, M., Amaral, M. & Castro, S. (2018). *Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Ministério da Educação: Direção-Geral da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Educacao\\_Ambiental/documentos/referencial\\_ambiente.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Educacao_Ambiental/documentos/referencial_ambiente.pdf)

Cardona, M. J. (1999). O Espaço e o tempo no Jardim de infância. In Pro-Posições- Vol. 10 Nº1(28)

Castanheira, M. (2013). *Para a História da Educação de Infância em Portugal: O caso Bragança (1934-1986)*. Doutoramento em Ciências da Educação. Instituto da Educação. Universidade de Lisboa.

<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/10473/1/Tese%20Doutoramento%20Lu%20c3%ads%20Castanheira%202013%20FINAL.pdf>

Costa, A. & Oliveira, L. (2015). Investigação qualitativa em educação: O professor- Investigador. *In Revista Portuguesa de Educação*, vol 28(2), pp. 183-188. <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/7856/5502>

D

Davis, J<sup>1</sup>. (1998). *Young Children, Environmental Education and The Future*. <sup>1</sup>Queensland University of Technology. Brisbane, Australia. *In Education And The Environment*. World Education Fellowship. London, United Kingdom, pp.141-155. <https://eprints.qut.edu.au/1309/1/davis.pdf>

Dionísio, M.<sup>1</sup> & Pereira, I.<sup>2</sup> (2006). *A educação pré-escolar em Portugal- concepções oficiais, investigação e práticas*. <sup>1</sup> Professora do Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho. Doutora em Educação. Universidade do Minho, Braga. <sup>2</sup> Professora do Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho. Mestre em Linguística. Universidade de Lisboa. *In periódico Perspectiva*, Florianópolis, v.24, n.2, p.597-622, jul./dez. 2006.

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13681/1/A%20educac%cc%a7a%cc%83o%20pre%cc%81-escolar%20em%20Portugal.pdf>

Duarte, P. & Moreira, A. (2020) Que professor investigador? Para uma (possível) resposta, análise de relatórios de estágios de futuros docentes. *In Revista Da Investigação às Prática*, vol 10(1), pp.78-98. <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/204/327>

F

Forneiro, I. (2008). Observación Y Evaluación del Ambiente de Aprendizaje en Educación Infantil: Dimensiones Y Variables a Considerar . *Revista Iberoamericana de Educación*. N.º 47 , pp. 49-70

G

Guerra, J.<sup>1</sup>, Schmidt, L.<sup>2</sup> & Nave, J.G.<sup>3</sup>. (2008). *Educação Ambiental em Portugal: Fomentando uma cidadania responsável*.<sup>1</sup>Mestre em Ciências Sociais. <sup>2</sup> Doutorada em Sociologia. <sup>1,2</sup> Instituto de Ciências Sociais. <sup>1,2</sup> Universidade de Lisboa. <sup>3</sup> Doutorado em Ciências Políticas e Sociais.<sup>3</sup> Instituto Superior de Ciências do Trabalho e de Empresas. VI Congresso Português de Sociologia. *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Lisboa. <http://associacaoportuguesasociologia.pt/vicongresso/pdfs/681.pdf>

H

Hrebynyuk, N. (2010). *Reciclagem e Reutilização de Matérias Plásticas em Portugal: passado, presente e futuro numa visão global*. Mestrado em Engenharia Química. Departamento de Química. Escola de Ciências e Tecnologia. Universidade de Évora. [https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/15201/1/tese final.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/15201/1/tese%20final.pdf)

M

Marques, V. (2011) Educação para o Desenvolvimento Sustentável. *In Seminários e Colóquios*. Conselho Nacional de Educação (Org.).

<http://dge.mec.pt/sites/default/files/CDIE/RNoesis/noesis80.pdf>

Mestre, F. (2010) *A Investigação-Ação e a Mudança no Movimento da Escola Moderna- Um estudo de caso*. Mestrado em Ciências da Educação. Instituto de Educação. Universidade de Lisboa.

[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2911/1/ulfp037528\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2911/1/ulfp037528_tm.pdf)

Miranda, J. (2009) *Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental? Um estudo no 1.º Ciclo*. Mestrado em Educação. Departamento de Educação. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5489/12/ulfc096328\\_Resumo\\_Indice.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5489/12/ulfc096328_Resumo_Indice.pdf)

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/8460>

O

Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J., Lino, D. & Niza, S. (2020). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação*. (4ª ed.). Porto: Editora

P

Pacheco, M. (2005). *A importância das atividades experimentais no processo ensino-aprendizagem*. Relatório Final. Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico. Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras. [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/24996/1/Relat%C3%B3rio Final Maria Pacheco.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/24996/1/Relat%C3%B3rio%20Final%20Maria%20Pacheco.pdf)

Pereira, A. (2014). *O trabalho de projeto e aprendizagens em Educação Pré-Escolar*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação Pré-Escolar. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/1462>

Q

Queiroz, J.P. & Bila, M.S. (2014). Como motivar a exploração artística no pré-escolar?. *Revista Matéria-Prima*. ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829. Vol. 2 (3): 112-122. <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15583/2/JO%c3%83O%20PAULO%20QUEIROZ%20E%20MARIA%20SUZETE%20BILA.pdf>

R

Read, H. (2020). *Educação pela arte*. Editora: Edições 70

S

Sarmiento, L. (2012). *Construção da identidade profissional dos docentes em Educação Especial*. Pós-Graduação em Educação Especial. Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1341/1/PG\\_EE LAURASARMENTO\\_2012.pdf](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/1341/1/PG_EE LAURASARMENTO_2012.pdf)

Silva, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar. Departamento da Educação Básica. Ministério da Educação. [http://dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes\\_curriculares\\_pre\\_escolar.pdf](http://dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/orientacoes_curriculares_pre_escolar.pdf)

Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação: Direção-Geral da Educação.

Sousa, A. (2005) *Investigação em Educação*. Editora: Livros horizonte

V

Vilaca, T. (2016). *Dinâmicas das relações entre educação para a saúde, educação ambiental e educação para a sustentabilidade nas escolas promotoras de saúde*. Cento de Investigação em Estudos da Criança. Instituto de Educação. Universidade do Minho. [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/52352/1/2016-Vilaca\\_serie-dialogos-n5-e-book.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/52352/1/2016-Vilaca_serie-dialogos-n5-e-book.pdf)

Vygotsky, J.S. (2012). *Imaginação e Criatividade. Ensaio de Psicologia*. Tradução de João Fróis. Dinalivros: Editora. [https://www.researchgate.net/publication/306090704\\_Imaginacao\\_e\\_Criatividade\\_na\\_Infancia\\_Ensaio\\_de\\_Psicologia\\_In\\_Russian\\_Voobrajenie\\_i\\_Tvorchestvo\\_v\\_Detskom\\_Vozrast\\_e\\_Psikhologicheskii\\_Ocherk\\_Moscovo\\_Gosizdat\\_1930\\_Imaginacao\\_e\\_Criatividade\\_na\\_Infancia\\_](https://www.researchgate.net/publication/306090704_Imaginacao_e_Criatividade_na_Infancia_Ensaio_de_Psicologia_In_Russian_Voobrajenie_i_Tvorchestvo_v_Detskom_Vozrast_e_Psikhologicheskii_Ocherk_Moscovo_Gosizdat_1930_Imaginacao_e_Criatividade_na_Infancia_)

Sites

Comissão Nacional da Unesco- <https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/um-planeta-um-oceano/educacao-para-o-desenvolvimento-sustentavel>

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

Endesa-<https://www.endesa.pt/particulares/news-endesa/sustentabilidade/a-importancia-reciclagem>

Portal do Estado do Ambiente- Portugal a

[https://rea.apambiente.pt/dominio\\_ambiental/residuos?language=pt-pt](https://rea.apambiente.pt/dominio_ambiental/residuos?language=pt-pt)

Portal do Estado do Ambiente- Portugal b

<https://rea.apambiente.pt/content/gest%C3%A3o-de-res%C3%ADduos-urbanos-nos-pa%C3%ADses-europeus>

Iberdrola- <https://www.iberdrola.com/meio-ambiente/reciclagem-para-criancas>

## **Apêndices**

**Apêndice 1- Planificação da atividade de Mondrian**

Grupo	Idade	Área de conteúdo Domínio Subdomínio	Objetivos de aprendizagem	Procedimentos	Espaço e tempo	Recursos	Avaliação
19	4 aos 6 anos	<p><b>Área de Formação Pessoal e Social</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Consciência de si como aprendiz</li> </ul> <p><b>Área de Expressão e Comunicação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Educação Artística                             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio das Artes Visuais</li> </ul> </li> <li>• Domínio da Linguagem Oral e</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conseguir distinguir entre cor primária e cor secundária;</li> <li>• Perceber que há cores que dão origem a outras;</li> <li>• Prever que cor resultará da mistura de duas cores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Marcação das presenças</li> <li>• Marcação do estado do tempo</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Começar por perguntar às crianças o que é arte e registar as respostas;</li> <li>• Perguntar se alguma conhece algum tipo de arte e registar as respostas;</li> <li>• Perguntar às crianças o que é um artista e registar as respostas;</li> <li>• Mostrar a imagem da obra e questionar as crianças sobre as formas geométricas e as</li> </ul>	<p>9h-9h30- sala Acolhimento</p> <hr/> <p>9h30-10h- sala Atividade de Mondrian</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Imagens da obra e do artista;</li> <li>- Folha A4 com as linhas orientadoras da obra e com os números correspondentes às cores;</li> <li>- Canetas de feltro;</li> <li>- Tablet;</li> <li>- Imagens com imagens dos</li> </ul>	<p>Feita através da observação do grupo e da reflexão conjunta com a educadora cooperante</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

	<p>Abordagem à Escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio da Comunicação Oral</li> </ul> <p>• Domínio da Matemática</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio de Números e Operações</li> <li>○ Subdomínio da Geometria e Medida</li> </ul> <p><b>Área do Conhecimento do Mundo</b></p> <p>• Domínio da Abordagem às</p>	<p>primárias</p>	<p>cores presentes na obra;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Contagem dos quadrados e dos retângulos presentes na obra;</li> <li>• Perguntar às crianças que tipo de linhas estão presentes na obra (ondulada, tracejada ou direita);</li> <li>• Questionar sobre os materiais podemos utilizar para reproduzirmos a obra, se não tivéssemos canetas, lápis ou tintas;</li> <li>• Distribuir as folhas A4 pelas crianças, com as linhas orientadoras e com os números correspondentes às cores (1- Vermelho; 2- Amarelo; 3- Azul; 4- Preto);</li> <li>• Dividir o grupo em 4 grupos</li> </ul>		<p>diferentes tipos de artes visuais.</p>	
--	---	------------------	--	--	---	--

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>Ciências</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio do Conhecimento do Mundo Físico e Natural</li> </ul>		<p>e distribuir as cores que foram atribuídas a cada grupo;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando um grupo acabar pintar com uma cor passá-la a outro grupo.</li> </ul>			
				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desinfetar as mãos das crianças</li> <li>• Distribuir fruta, bolachas ou paus de pão pelas crianças</li> </ul>	10h-10h15- sala	Reforço da manhã	
				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Esperar que todas as crianças acabem de pintar</li> <li>• À medida que as crianças forem acabando de pintar, perguntar se estas acham que foram artistas</li> </ul>	10h15-11h- sala	Continuação da atividade	
				<p><b>Aula de música dada pela educadora</b></p>	11h-11h30- sala		

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Colocação de uma música com o respetivo vídeo</li> <li>• Pedir que o grupo se dirija ao tapete</li> <li>• Imitar os movimentos que a educadora faz</li> </ul>		
				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lavar as mãos</li> <li>• Pedir às crianças que façam uma fila</li> <li>• Levar o grupo até ao refeitório</li> <li>• Pedir que se sentem e que coloquem a colher na tijela da sopa</li> <li>• Quando a sopa já tiver terminada, colocar, num prato, a quantidade de comida que se acha adequada para aquela criança</li> </ul>	<p>11h30-12h30- refeitório</p> <p>Almoço</p>	

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

				<ul style="list-style-type: none"><li>• Quando já tiver acabado de comer a comida que se colocou no prato, perguntar se quer mais<ul style="list-style-type: none"><li>○ Se sim colocar mais um pouco de comida</li><li>○ Se não dar a peça de fruta</li></ul></li><li>• Quando já tiver acabado a fruta, dizer para beber a água e pedir que aguarde um pouco para que mais colegas acabem de comer</li><li>• Quando um número considerável de crianças já tiver acabado de comer, pedir-lhes para irem lavar as mãos e encostarem-se à parede à espera dos colegas que ainda se encontram a comer.</li></ul>		
--	--	--	--	--	--	--

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando o grupo todo já tiver comido e lavado as mãos levá-los até ao terraço</li> </ul>		
				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brincadeira livre</li> </ul>	12h30-13h00-terraço	
				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sessão de estimulação global de metade do grupo</li> </ul>	13h00-13h45-sala destinada à estimulação global	
				<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionar, novamente, as crianças sobre o que é que é arte, artistas;</li> <li>• Mostrar imagens de outros tipos de artes visuais (escultura, desenho, pintura, cinema, fotografia);</li> <li>• Explicar que aquelas</li> </ul>	13h45- 15h-sala Finalização da atividade	

## Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

				imagens são dos diferentes tipos de artes visuais.			
--	--	--	--	--	--	--	--

**Apêndice 2- Planificação da atividade de Kandinsky**

Grupo	Idade	Área de conteúdo Domínio Subdomínio	Objetivos de aprendizagem	Procedimentos	Espaço e tempo	Recursos	Avaliação
19	4 aos 6 anos	<p><b>Área da Formação Pessoal e Social</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Convivência</li> </ul> <p><b>Área de Expressão e Comunicação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Educação Artística                             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio das Artes Visuais</li> </ul> </li> <li>• Domínio da Linguagem Oral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a pintura;</li> <li>• Desenvolver a consciência ambiental através do questionamento;</li> <li>• Reutilizar materiais para a recriação livre da obra;</li> <li>• Trabalhar a aproximação da obra com a recriação;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora cooperante leu uma história e foi feita a sua análise.</li> <li>• Estação do ano</li> <li>• Origem da lã</li> <li>• Identificação das características das ovelhas</li> <li>• Identificação das características e funções do pastor</li> </ul> <p><b>Atividade do Kandinsky</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionar as crianças sobre se se lembram da profissão do artista que</li> </ul>	14h30-15h30- Hora do conto e atividade do pintor Kandinsky	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Imagens da obra e do artista;</li> <li>- Imagem da obra.</li> </ul>	Feita através da observação do grupo e da reflexão conjunta com a educadora cooperante

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

	<p>e Abordagem à Escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio da Comunicação Oral</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Matemática             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio da Geometria e Medida</li> </ul> </li> </ul> <p><b>Área do Conhecimento do Mundo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Abordagem às Ciências             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio do Conhecimento do Mundo</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber quais as formas geométricas presentes na obra;</li> <li>• Perceber se as cores presentes na obra são primárias ou secundárias</li> </ul>	<p>trabalhamos na instituição (Mondrian).</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o artista e a obra;</li> <li>• Questionar sobre que tipo de arte é esta (pintura);</li> <li>• Questionar as crianças sobre as formas geométricas presentes na obra;</li> <li>• Questionar as crianças se conhecem algum material reutilizado com a forma de círculo.</li> <li>• Pedir aos pais/avós que se poderem fazer esta atividade com as crianças que seria muito importante para a estagiária</li> </ul>			
--	---	--	---	--	--	--

**Apêndice 3- Planificação da atividade de Miró**

Grupo	Idade	Área de conteúdo Domínio Subdomínio	Objetivos de aprendizagem	Procedimentos	Espaço e tempo	Recursos	Avaliação
19	4 aos 6 anos	<p><b>Área da Formação Pessoal e Social</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Convivência</li> </ul> <p><b>Área de Expressão e Comunicação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Educação Artística                             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio das Artes Visuais</li> </ul> </li> <li>• Domínio da Linguagem Oral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a escultura;</li> <li>• Desenvolver a consciência ambiental através do questionamento;</li> <li>• Reutilizar materiais para a recriação livre da obra;</li> <li>• Recriar a obra o mais fielmente possível ao</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora cooperante leu uma história e foi feita a sua análise.</li> <li>• Estação do ano</li> <li>• Origem da lã</li> <li>• Identificação das características das ovelhas</li> <li>• Identificação das características e funções do pastor</li> </ul> <p><b>Atividade do Miró</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Questionar as crianças sobre se se lembram da profissão do artista que</li> </ul>	14h30-15h30- Hora do conto e atividade do escultor Miró	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Imagens da obra e do artista;</li> <li>- Imagem da obra.</li> </ul>	Feita através da observação do grupo e da reflexão conjunta com a educadora cooperante

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

	<p>e Abordagem à Escrita</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio da Comunicação Oral</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Matemática</li> <li>○ Subdomínio da Geometria e Medida</li> </ul> <p><b>Área do Conhecimento do Mundo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Abordagem às Ciências</li> <li>○ Subdomínio do Conhecimento do Mundo</li> </ul>	<p>original;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber quais as formas ou sólidos geométricas presentes na obra;</li> <li>• Perceber se as cores presentes na obra são primárias ou secundárias</li> </ul>	<p>trabalhamos anteriormente</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o artista e a obra;</li> <li>• Questionar as crianças sobre se sabem o que é escultura;</li> <li>• Explicar o que é escultura;</li> <li>• Questionar as crianças sobre que tipo de materiais podemos utilizar para recriar a obra.</li> <li>• Pedir aos pais/avós que se poderem fazer esta atividade com as crianças que seria muito importante para a estagiária</li> </ul>			
--	---	--	--	--	--	--

**Apêndice 4- Planificação da atividade de Bordalo II**

<b>Grupo</b>	<b>Idade</b>	<b>Área de conteúdo</b> <b>Domínio</b> <b>Subdomínio</b>	<b>Objetivos de aprendizagem</b>	<b>Procedimentos</b>	<b>Espaço e tempo</b>	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação</b>
19	4 aos 6 anos	<p><b>Área da Formação Pessoal e Social</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Convivência</li> </ul> <p><b>Área de Expressão e Comunicação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Educação Artística                             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio das Artes</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Associar cada letra da palavra “Lisboa” a uma palavra que as crianças conheçam e que comece por cada uma das letras;</li> <li>• Trabalhar o reconhecimento de palavras começadas por uma certa letra;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A educadora cooperante leu uma história e foi feita a sua análise.</li> <li>• O que é uma amora</li> <li>• Personagens</li> <li>• Acontecimentos</li> </ul> <p><b>Atividade do Bordalo II</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falar sobre o artista e mostrar uma imagem deste.</li> <li>• Falar sobre a sua profissão.</li> </ul>	14h30-15h30- Hora do conto e atividade do escultor Bordalo II	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Folhas A4</li> <li>- Canetas de feltro</li> <li>- Imagem do artista</li> <li>- Imagem de 3 obras</li> <li>- Letras da palavra “LISBOA” feitas com</li> </ul>	Feita através da observação do grupo e da reflexão conjunta com a educadora cooperante

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>Visuais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio da Abordagem à Escrita</li> </ul> </li> <li>• Domínio da Matemática             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio da Geometria e Medida</li> </ul> </li> </ul> <p><b>Área do Conhecimento do Mundo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer um artista;</li> <li>• Trabalhar a escrita.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostrar a imagem das 3 obras escolhidas.</li> <li>• Falar um pouco sobre os materiais que o artista usou.</li> <li>• Mostrar as letras da palavra “LISBOA” e pedir que as crianças digam palavras que conheçam com cada uma das letras.</li> <li>• Propor a atividade de escreverem a palavra “LISBOA” numa folha e que colemb materiais recicláveis em cada uma das letras.</li> <li>• Pedir aos pais/avós que se poderem fazer</li> </ul>		caixas de cereais.	
--	--	---	--	--	--	--------------------	--

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

		<p>Abordagem às Ciências</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio do Mundo Social</li> <li>○ Subdomínio do Conhecimento do Mundo Físico e Natural</li> </ul>		<p>esta atividade com as crianças que seria muito importante para a estagiária</p>			
--	--	---	--	--	--	--	--

Apêndice 5-Guião de entrevista à educadora cooperante

Bloco	Objetivos	Questões orientadoras
A- Legitimação de entrevista	Explicar a situação  Criar ambiente propício à entrevista	Agradecer a disponibilidade; informar sobre o uso do gravador; explicitar o problema, o objetivo e os benefícios do estudo; colocar o entrevistado na situação de colaborar; garantir confidencialidade dos lados; explicar o procedimento
B-Conceções da educadora sobre a educação ambiental	Caraterizar as conceções da educadora sobre a educação ambiental	1) O que entende por educação ambiental? 2) Qual a importância de promover a educação ambiental em educação de infância? 3) O que é para si a reciclagem? 4) Quais os benefícios de estimular esta prática desde cedo?
C- Conceção da educadora sobre a educação artística e a relação desta com a educação ambiental	Caraterizar a importância atribuída pela educadora cooperante à educação artística, mais precisamente às artes visuais	1) Qual é a importância da integração da educação artística no processo ensino-aprendizagem? 2) Tem promovido a educação artística com os seus grupos de crianças? Se sim, como o tem feito? 3) Pensa que o trabalho do subdomínio das artes visuais tem benefícios nas vidas futuras das crianças? 4) Qual é para si a ligação entre a educação ambiental e a educação artística, mais precisamente, com as artes visuais?
D-Conhecer a prática pedagógica da educadora relativamente	Conhecer a prática pedagógica da educadora cooperante no que	1) Nos grupos que acompanhou anteriormente, fez algum trabalho envolvendo a reciclagem? 2) Se sim, como fez esse trabalho?

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

<p>a propostas sobre a educação ambiental</p>	<p>diz respeito à realização de propostas de atividades, tendo como base a reciclagem.</p>	<p>3) Que materiais tem usado nas atividades de reciclagem que tem promovido?</p> <p>4) No seu entender, os materiais reciclados/reutilizados, utilizados em trabalhos de sala, trazem alguns benefícios às aprendizagens das crianças?</p> <p>5) Quando usa estes materiais, leva as crianças a compreenderem a importância da adoção destas práticas para a preservação do nosso planeta? Se sim, é capaz de fornecer um exemplo?</p>
<p>E-Obter informação para analisar a prática pedagógica da educadora estagiária</p>	<p>Analisar a relevância/pertinência da prática pedagógica implementado pela aluna estagiária</p> <p>Caraterizar a relevância e pertinência das estratégias e recursos utilizados pela aluna estagiária na promoção das atividades centradas na interligação da</p>	<p>1) Em seu entender a prática pedagógica implementada pela aluna estagiária foi pertinente para o desenvolvimento das noções de sustentabilidade e da tomada de consciência do dever cívico de cada criança? Justifique</p> <p>2) As atividades realizadas pela aluna estagiária promoveram o envolvimento do grupo?</p> <p>3) No seu ponto de vista, as estratégias utilizadas pela aluna estagiária na abordagem à reciclagem foram desafiadoras para as crianças? Justifique</p> <p>4) No seu ponto de vista as estratégias utilizadas pela aluna estagiária na interligação da reciclagem com as artes visuais, foram promotoras de aprendizagens? Justifique, fornecendo exemplos</p> <p>5) Os materiais reciclados que foram utilizados pela aluna estagiária promoveram a</p>

Reciclagem e Artes Visuais numa sala de Jardim de Infância

	reciclagem com as artes visuais	interligação entre a reciclagem e as artes visuais? Justifique 6) Os materiais reciclados que foram utilizados, pela aluna estagiária, potenciaram o envolvimento e o interesse das crianças para as atividades propostas? 7) Seria possível, fazer uma breve sintetização das aprendizagens das crianças com a abordagem desta temática
F- Agradecimentos	Agradecer a disponibilidade	1) Sugestões de melhoria

**Apêndice 6- Transcrição da entrevista à educadora cooperante**

<b>Bloco</b>	<b>Questão</b>	<b>Resposta</b>
B	(B1) O que entende por educação ambiental?	<p>No meu entender, nesta faixa etária que nos encontramos, dos 5 anos, o que é...eu posso...o que eu entendo por educação ambiental e aquilo que lhes tento ao máximo passar é a preservação do Planeta. Portanto vamos preservar, vamos poupar recursos, vamos cada vez mais consciencializar as crianças, neste caso o grupo, e pensar que todos os nossos atos são decisivos para uma adoção de comportamentos corretos ou menos incorretos.</p> <p>Eu enquanto, adulto, é um tema que me sensibiliza muito. É um tema que me diz muito, porque na minha vida pessoal tenho muitos cuidados com a poupança de recursos e com hábitos com os quais eu comecei-me a aperceber e pude fazer aqui algum estudo por minha conta que poderia melhorar e implementei isso em família, portanto no meu ambiente e não me faz sentido adotar em casa esses hábitos e depois não os fazer refletir na escola. Claro que, às vezes há aqui algumas limitações no espaço escolar que não dependem só de mim, não é e às vezes das diretrizes que nós temos impostas pelas tutelas, de qualquer modo tento fazer o meu melhor e cada vez mais consciencializar os grupos nas poupanças de recursos e nesta educação ambiental que hoje só se faz sentido não é eu falar na escola, é quando eu falo na escola depois também há esse remeter para casa das crianças e também os pais com as crianças.</p>

	<p>(B2) Qual a importância de promover a educação ambiental em educação de infância?</p>	<p>Lá está, é aquilo que eu acabei um bocadinho de dizer. Portanto eu não me faz sentido eu ter cuidados com a educação ambiental para mim, eu valorizar a poupança de recursos e as questões da sustentabilidade, se eu depois faço isso pessoalmente, a título particular, mas se eu depois na prática não implemento no meu dia a dia, neste caso na minha prática profissional. Portanto nem me faz sentido quebrar essa ligação, isso tem de ser uma coisa...um fio condutor.</p>
	<p>(B3) O que é para si reciclagem?</p>	<p>Reciclar, para mim é dar vida a algo que supostamente poderia ter um fim de ir para o lixo. Portanto, eu, sei lá, abro uma lata de algum alimento, que eu possa usar e okay vai para o lixo, mas se calhar há situações em que essas podem ser reaproveitadas e habitualmente tento ao máximo fazer, mas para mim a reciclagem começa essencialmente e a questão da poupança desses bens...começa essencialmente no supermercado, quando eu compro evito já comprar muitas coisas que depois tem um fim precário, por exemplo, uma lata de atum, pode dar para uma atividade mas que eu em casa posso não a querer usar ou não me faz sentido. Portanto há coisas que eu evito comprar já em latas, em embalagens, em pacotes, para então que essa produção também diminua a nível geral.</p>
	<p>(B3) Quais os benefícios de estimular esta prática desde cedo?</p>	<p>Eu para mim isso não é só uma questão de benefício, é uma questão de educação, faz parte. Faz parte, como nós ensinamos tanta coisa às nossas crianças, para mim isso devia já vir incluído na questão da educação e das questões essenciais que nós devemos passar às crianças e não só às crianças, mas também aos adultos no dia a dia e isso tudo vem de uma prática, não é. Também sou mãe e além de ser educadora e isso sempre foi uma coisa que</p>

		<p>passei aos meus filhos, a questão de, por exemplo, o lavar os dentes com escovas de bambú ou pasta de dentes ser pastas que não venham em embalagem que depois não possa ser reaproveitada, portanto tenho sempre esse cuidado e isso para mim faz-me sentido sempre ser desde cedo.</p>
C	<p>(C1) Qual a importância da integração da educação artística no processo ensino-aprendizagem?</p>	<p>Portanto, as crianças, no meu ver, todas elas são seres criadores, não é. As crianças quando entram na escola, seja numa creche, seja num pré-escolar, já têm aqui alguma ideia dos objetos pré-concebidos. Agora estou ali a olhar para a folha e estou-me a lembrar, estamos num projeto da flor, do projeto da planta, da Primavera, estamos aqui nesta área da Natureza, quer dizer, eles desenharam uma flor mas eu não lhes disse como é que era a flor que eles tinham que desenhar e no entanto todos eles souberam desenhar bem uma flor. Portanto como é que entra aqui a educação artística, no meu entender e na forma como eu trabalho, dou-lhes a liberdade de quando eu peço para desenharem uma flor, cada um desenha a flor da maneira que quer, pronto. Eles têm modelos, porque tem os modelos dos livros, têm os modelos das histórias que eu vou apresentando, do uso do computador, têm o modelo da sociedade, do que dá na televisão, têm o modelo dos objetos da sala, mas tento ao máximo que não lhes tirar a criatividade. De qualquer modo a educação artística também pode ter regras e pode ter condicionantes que eles devem cumprir se for esse o objetivo da atividade.</p>
	<p>(C2) Tem promovido a educação artística com os seus grupos de crianças? Se sim, como o tem feito?</p>	<p>Sim, portanto, a arte faz sempre um bocadinho parte do trabalho. Para mim cada vez que eles fazem um desenho estão a exercer a capacidade deles de criar, não é, seja um desenho, seja a prenda do dia da mãe, seja a prenda do</p>

		<p>dia do pai. Nós recentemente, por exemplo, fizemos a prenda do dia do pai e eu promovo a arte, de que forma? Nós escolhemos um objeto ou dois ou três modelos para ser prenda e cada um constrói da forma que quer e com os materiais. É importante é quando isso acontece para nós podermos dizer que é arte e que estamos a promover a criatividade deles, dar diferentes materiais e várias opções para poderem criar.</p>
D	<p>(D1) Nos grupos que acompanhou anteriormente, fez algum trabalho envolvendo a reciclagem?</p> <p>(D2) Se sim, como fez este trabalho?</p>	<p>Sim, nos meus grupos anteriores normalmente crio sempre se não existir em sala os ecopontos, para mim começa tudo um bocadinho, não é só aí que começa mas é muito importante o lixo que é produzido em sala, o lixo que é feito em sala, eles saberem o fim para onde ele deve ir. Este, por exemplo, foi a primeira vez que construí o caixote do lixo orgânico, normalmente não construía e este ano fez-me sentido construir, porque a fruta da manhã é descascada aqui (sala), nós próprios, adultos, às vezes comemos e há restos de comida, portanto ou as migalhas da mesa, pronto, vai sempre para o lixo orgânico. Faz-me sempre sentido esta questão da reciclagem e começo normalmente pelos caixotes do lixo. De resto, a nível de todas as atividades que eu tento criar, tento sempre aproveitar materiais, reutilizar e dar uma segunda vida aos materiais e que as atividades que eles façam tenham sempre isso como premissa.</p>
	<p>(D3) Que materiais tem usado nas atividades de reciclagem que tem promovido?</p>	<p>Portanto, rolos de cozinha, rolos de papel higiénico, cápsulas de café, cartões, caixas de cereais, uso imensas caixas de cereais, as caixas de cereais têm muita valência, paus, madeiras, coisas que vamos aproveitando da rua quando vamos à rua, plásticos, sacos de cartão, portanto tento usar assim um bocadinho de tudo, palhinhas, que habitualmente já não, por exemplo já não compro</p>

	<p>palhinhas, mas há coisas que ainda se compra e que têm palhinhas e há aí guardadas na instituição, ainda tento recuperar, garrafas de água.</p>
<p>(D4) No seu entender, os materiais reciclados/reutilizados, utilizados em trabalhos de sala, trazem alguns benefícios às aprendizagens das crianças?</p>	<p>Eu acho que trazem benefícios se eles forem utilizados como um fim para poder promover a criatividade das crianças e também como um fim de evitar o desperdício desse objeto como indo logo para o lixo nesse momento.</p>
<p>(D5) Quando usa estes materiais, leva as crianças a compreenderem a importância da adoção destas práticas para a preservação do nosso planeta? Se sim, é capaz de fornecer um exemplo?</p>	<p>Sim, por exemplo, eles às vezes...tento sempre quando lhes promovo e pergunto-lhes sempre a eles “então que materiais acham que podemos usar? O que é que podemos ir aproveitar? O que acham que podemos ir buscar?”. Tento, também, passar um bocadinho a hipótese da escolha do material para eles e também que eles tenham essa liberdade, claro, se um disser “podemos ir buscar cartolina”, eu não vou dizer que não, não podemos usar cartolina porque não é reciclável ou reutilizável e apesar de até isso ser porque eu guardo sempre os restinhos das cartolinas e tenho sempre forma de os usar. Tento sempre passar essa e envolve-los nesse processo de escolha. Um exemplo, o que é que construímos? Por exemplo, agora estou aqui a pensar, o dia do pai. No Dia do Pai, foi construído com umas madeiras que nós tínhamos ali, um bocadinho encostadas e que já tinham sido usadas, algumas, as outras não, reaproveitámos e construí uma moldura para colocar uma quadra e um desenho das crianças, usei também, para decorar, porque as madeiras já estavam um bocadinho estragadas, para além de as ter pintado, usei também</p>

		recortes de jornal para aproveitar para as madeiras ficarem com um brilho diferente. Na prenda, por exemplo, do Natal, também era umas madeirinhas, uns paus de hospital (abaixador de língua ou cataglossos) que tínhamos ali já de algum tempo, que reaproveitámos e criamos isso. Portanto tento sempre usar o que tenho em sala.
E	(E1) Em seu entender a prática pedagógica implementada pela aluna estagiária foi pertinente para o desenvolvimento das noções de sustentabilidade e da tomada de consciência do dever cívico de cada criança? Justifique	No meu entender foi pertinente e foi, ou seja, acabou por dar porque a aluna quando chegou já estava aqui algumas questões implementadas da sustentabilidade, eles já o ano passado tinham estas noções, de qualquer forma, foi mais uma experiência, mais um mote a estar com alguém onde a premissa era essa, portanto era criarmos atividades e criarmos dinâmicas em que fosse respeitado essa questão da sustentabilidade. De qualquer forma, depois tivemos aqui um interregno do confinamento que não ajudou a conseguirmos promover de forma tão coerente como se calhar gostaríamos, as atividades, mas acho que as realizadas em sala tiveram sempre esse cuidado e essa pertinência.
	(E2) As atividades realizadas pela aluna estagiária promoveram o envolvimento do grupo?	Sim, promoveram, às vezes havia alguma dificuldade da aluna estagiária ao início de conseguir agarrar o grupo e conseguir captar a atenção deles. Acho que, essencialmente, às vezes pela forma de expor aquilo que queria e de passar a mensagem, mas acho que essa situação foi melhorada com o tempo e com a experiência, essa situação e com o grupo normalmente envolvia-se, apesar de ser um grupo um bocadinho grande, às vezes é necessário criarmos pequenos grupos.
	(E3) No seu ponto de vista, as estratégias utilizadas pela aluna estagiária na	Na abordagem à reciclagem, foi essencialmente agora com o confinamento que foram realizadas, não é, portanto foi aqui o paralelismo entre a sustentabilidade e

	<p>abordagem à reciclagem foram desafiadoras para as crianças? Justifique</p>	<p>os artistas, o Miró, Bordalo II e Kandinsky, portanto estas atividades foram propostas em formato online. Tivemos o Mondrian, mas o Mondrian foi em sala. Estas propostas foi logo uma das condições que foi partilhada com o grupo e com as famílias, foi isso mesmo, que a construção ou o objeto final, o produto final fosse com materiais recicláveis, como era dado o exemplo. O inconveniente desta situação, quando é online, é que nós vemos o produto final e não nos apercebemos como é que é feito o processo e perde-se aqui um bocadinho do teor, mas pelo menos as crianças aderiram e acho que é uma coisa que eles têm sempre presente é podermos fazer as atividades com os materiais recicláveis e isso acho que foram coisas que foram ficando também da prática deles, não é, portanto o hábito que têm em sala.</p>
	<p>(E4) No seu ponto de vista as estratégias utilizadas pela aluna estagiária na interligação da reciclagem com as artes visuais, foram promotoras de aprendizagens? Justifique fornecendo exemplos.</p>	<p>Sim, normalmente a aluna, o que ela fazia era apresentar o autor, uma imagem do autor, apresentava sempre a obra desse autor e depois pedia às crianças para fazerem uma representação idêntica, usando sempre as características dos materiais recicláveis.</p>
	<p>(E5) Os materiais reciclados que foram utilizados pela aluna promoveram a interligação entre a reciclagem e as artes visuais? Justifique</p>	<p>Sim, portanto, ou seja, fez-se aqui um paralelismo e uma ligação entre os artistas, que a aluna escolheu, e depois as obras destes serem sempre, por exemplo estou-me a lembrar do Bordalo II, é um artista plástico português, que habitualmente nas suas obras e nas suas construções usa sempre materiais recicláveis ou de desperdício. Portanto, e aqui o que foi partilhado com as crianças foi a imagem de uma dessas obras e que as crianças fizessem uma representação aproximada. Mondrian (referência a</p>

		<p>Kandinsky), a mesma coisa, portanto era as crianças usarem os materiais que tinham em casa e fazerem uma aproximação da obra do autor.</p>
	<p>(E6) Os materiais reciclados que foram utilizados, pela aluna estagiária, potenciaram o envolvimento e o interesse das crianças para as atividades propostas?</p>	<p>O que a aluna utilizou de materiais reciclados, por exemplo estou aqui a lembrar-me da atividade da flutuação, flutua e não flutua, tentou-se usar alguns materiais que têm em casa e que partilhou aqui com o grupo e materiais conhecidos dele, mas agora não estou assim a ver outra atividade...foi a dos ecopontos, foi caixas que havia, que ela trouxe, a aluna trouxe e foram reutilizadas, mais uma vez. A do bingo também foi feito um bingo de letras, não é, um jogo de letras com caixas de ovos, portanto também materiais reciclados. Sim, a aluna normalmente quando pensava em construir uma atividade, tentava sempre que essa fosse uma condição essencial, pronto, a escolha dos materiais.</p>
	<p>(E7) Seria possível, fazer uma breve sintetização das aprendizagens das crianças com a abordagem desta temática</p>	<p>É assim, por exemplo eu noto que eles quando vão há casa de banho já há muito aquela chamada de atenção uns para os outros “não tires tanto papel”, “não precisas de tirar duas folhas, uma chega”. Noto a questão da torneira, seja quando vão lavar as mãos, seja quando vão encher as garrafas de água, quando é no dia a seguir pedem sempre para aproveitar a água, agora por exemplo, hoje já não pediram para aproveitar as águas de ontem para as flores. Os papeis no chão. Noto aqui algum cuidado nalgumas questões, por exemplo, até a questão de na parte alimentar, não desperdiçar comida, não deixar comida no prato. Às vezes não só materiais recicláveis, mas também o desperdício doutros bens essenciais.</p>

<p>F</p>	<p>(F1) Sugestões de melhoria</p>	<p>Aqui a sugestão que eu posso, que eu acho que é sempre importante, é nós devemos sempre dar o nosso melhor e partilhar com o grupo aquilo que nós achamos que é o melhor, apesar de às vezes poder não ser. Acho que quando, como é o caso da Teresa, que são mais introvertida e que às vezes fica insegura, acho que, por exemplo, as histórias, no meu entender, é um ponto de partida para partir para algo e isso acho que era uma coisa que podia ter sido aproveitada ao longo deste período de estágio. Por exemplo, se vamos falar do flutua ou não flutua, um exemplo, então se calhar aqui o que é melhor aproveitar é então vou recorrer a uma história que fale na água que é para depois partir para o tema seguinte, pronto e acho que às vezes aí podias-te (estagiária) ter munido das histórias e dar exemplos mais práticos para ser mais fácil chegar a algum objetivo com o grupo. Acho que as histórias podem uma estratégia utilizada por ti (estagiária) para te sentires mais segura e confiante. Eles às vezes nós queremos levar a atividade para um caminho e com a história levamos para dois ou três, e percebeste-te isso (estagiária), quando, no período online, que eu (educadora) contava a história e depois vias que dava sempre para pegar várias coisas. Com uma história, a história dá-nos para uma margem muito grande para levar o nosso objetivo da atividade para vários sítios.</p>
----------	-----------------------------------	--

